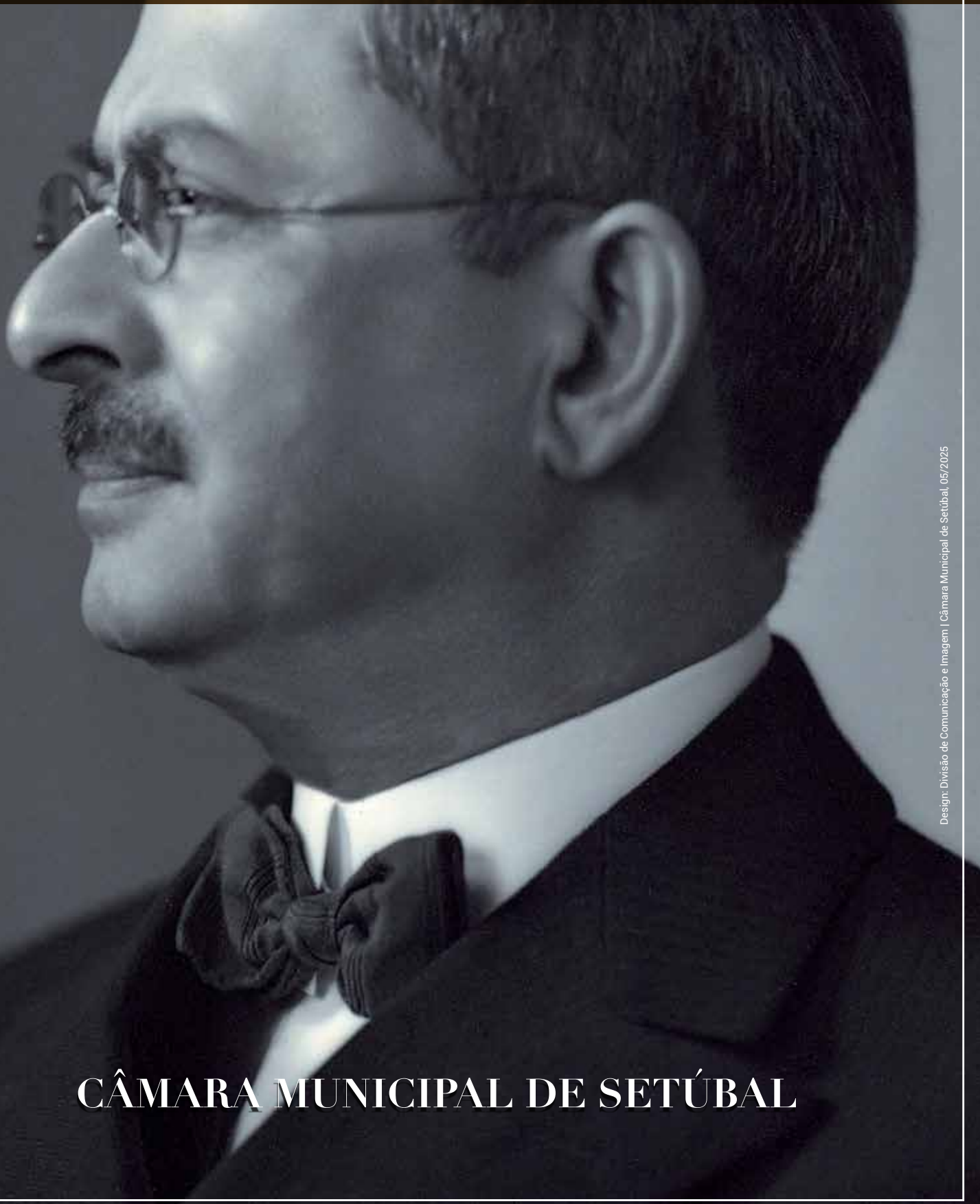


150 ANOS DO NASCIMENTO FRAN PAXECO - VIDA E OBRA



CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL

INDICE

PREFÁCIO - pag. 4

SÍNTESE BIOGRÁFICA - pag. 6

1874 -1895 - pag. 10

Infância. Serviço militar. Início da carreira de jornalista

1895-1911 - pag. 16

Ída para o Brasil. Jornalismo. Escrita e publicação. Docência cultural e social

1911-1939 - pag. 23

Carreira diplomática e outros cargos públicos. Ação acadêmica, cultural e social. Monografias e artigos

1952 - pag. 34

Falecimento. Homenagem póstumas

FONTES ICONOGRÁFICAS - pag. 37

FICHA TÉCNICA - pag. 41

PREFÁCIO

Fran Paxeco é um nome bem conhecido em Setúbal, mas será que é bem conhecido quem foi, o que fez, os méritos que teve e que foram notórios ao longo da sua vida?

É precisamente para colmatar esta falta de conhecimento mais amplo sobre quem foi este ilustre setubalense que hoje aqui estamos a abrir esta exposição dedicada à vida e obra de Manuel Francisco Pacheco.

Cumprimos assim, uma vez mais, o nosso dever de preservar a nossa história local e de valorizar a nossa identidade.

Somos, de facto, uma terra com um passado riquíssimo feito por muitos homens e mulheres notáveis, feito também por muita gente anónima que, com o seu labor, construiu a grande cidade que somos hoje.

Um passado riquíssimo que permite adivinhar um futuro ainda mais rico e promissor que vamos continuar a construir sempre com o saber coletivo de todos os que se empenham no progresso deste nosso chão comum.

Homenagear quem fomos, quem somos e quem seremos passa precisamente por iniciativas como a que hoje aqui nos reúne.

Integrada nos 150 anos do nascimento deste ilustre setubalense, vamos ter aqui até 22 de fevereiro uma exposição dedicada a evocar a vida e obra de uma das mais importantes figuras da história contemporânea de Setúbal. Entre os conteúdos expostos, merecem destaque as obras produzidas pelo diplomata – pertencentes à coleção particular de António Cunha Bento – e de bens pessoais doados pela neta, Rosa Machado, a quem quero, desde já, agradecer em nome da câmara municipal.

Nascido à beira do Sado em 9 de março de 1874, Fran Paxeco destacou-se pela sua ação como jornalista, escritor, político, diplomata, professor ou investigador.

Desde jovem que abraçou os ideais do republicanismo, destacando-se pela sua postura convictamente antimonárquica que, aliás, o obrigaram ao exílio político no Brasil, em 1895. Ao fim de vinte dias naquele país, criou o jornal República Portuguesa.

Em São Luís do Maranhão cofundou a Faculdade de Direito, a Escola de Belas Artes e diversas associações e institutos, casou e constituiu família. Foi aqui, aliás, que – após o 5 de Outubro de 1910 – foi nomeado cônsul de Portugal. Exerceu a mesma função, em ocasiões distintas, em Belém do Pará, Cardiff, no País de Gales e em Liverpool, na Inglaterra.

Do ponto de vista político merece destaque o facto de a sua elevada craveira intelectual o levar a ter secretariado o Presidente da República Bernardino Machado.

Entre a vasta bibliografia que produziu podemos destacar “Setúbal e as suas celebridades”, publicado em 1930, “Portugal não é ibérico”, em 1932, “Sangue Latino”, em 1897, “Literatura Portuguesa na Idade Média”, em 1909, “Os Braganças e a Restauração”, publicado em 1912, e “Angola e os Alemães”, datado de 1916, entre outros livros.

Fran Paxeco dedicou-se longamente à investigação, ao estudo e à produção de conhecimento. Foi o responsável pelo discurso de inauguração da Glorietta a Luísa Todi, em outubro de 1933.

Um grave acidente vascular cerebral, em 1939, limitou-o seriamente até ao final da vida, em 1952.

Por ter elevado o nome de Setúbal, a cidade, reconhecida, atribuiu o seu nome à célebre a Rua Direita de Troino. Há bem pouco tempo foi homenageado com a medalha da cidade.

Hoje, uma vez mais, aqui estamos a recordar e a homenagear este importante setubalense, a quem temos de continuar a agradecer o legado que nos deixou. Um legado agora exposto nesta mostra que resulta também do empenho dos trabalhadores da nossa câmara municipal, a quem endereço especial agradecimento. Porque, como tenho afirmado, sem os trabalhadores e sem a capacidade de trabalho em equipa seria muito difícil termos iniciativas como esta.

Resta-me deixar aqui um convite a todos os que se interessam pela história da nossa cidade e da nossa terra para que visitem esta exposição e redescubram, no trabalho de Fran Paxeco, esta nossa grade cidade.

O Presidente da Câmara Municipal de Setúbal

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'André Martins', with a stylized, flowing script.

André Martins

SINTESE BIOGRÁFICA

Manuel Francisco Pacheco foi jornalista¹, diplomata, professor e escritor, principalmente.

Nasceu em Setúbal, a 9 de Março de 1874, no antigo Terreiro de S. Caetano (freguesia de Nossa Senhora da Anunciada) e morreu em Lisboa, a 17 de Setembro de 1952, na Rua do Prior à Lapa. Filho de José Anastácio Pacheco, ficou sem pai aos 10 anos. Com os estudos primários concluídos em escola pública e colégio Jesuíta, ingressou na Casa Pia de Lisboa, destinada aos órfãos de pai, para prosseguir o ensino secundário.

Voltou para Setúbal aos 14 anos, começando a trabalhar numa conservatória, onde conhece o director da “*Gazeta Setubalense*” e aí inicia a sua carreira de jornalista.

Aos 16 anos, funda “*O Elmano*”, em 6 de Março de 1890, de que só saiu esse número, mas ressurgiu em 7 de Março de 1893, e prolongou-se por bastantes anos.

Assentou praça como voluntário em 12 de Maio de 1890, passando à reserva em 17 de Março de 1894. Ainda nas fileiras, promoveram-lhe uma acção criminal dois artigos republicanos, saídos na “*Liberdade Popular*”, semanário de Cantanhede, que durou de 14 de Junho a Outubro de 1891.

A 1 de Abril de 1894 assume um dos postos na redacção política de “*A Vanguarda*”, o mais independente e inflamado jornal da época, dirigido por Narciso Rebelo Alves Correia. Era também redactor político dos hebdomadários “*A Montanha*”, de Trancoso, e “*O Cezimbrense*”, que representou, no congresso partidário de 1895. Promove em igual data, com o seu querido condiscípulo Alfredo Serano, o jubileu do soberbo lírico João de Deus.

Em Janeiro de 1895, “*A Vanguarda*” publica um artigo “*O comando da 1ª divisão militar*”, no qual reverberam o rei D. Carlos e o general de brigada António Abranches de Queirós, comandante das guardas municipais. Pretendiam torná-lo substituto do general Moreira, no cargo de comandante daquela divisão. Este artigo originou um grande alarido, foi considerado injuriosos e o governo manda processar Fran Paxeco.

Sujeito ao foro militar, no carácter de reservista, decide exilar-se, dois meses mais tarde. Parte do Terreiro de Paço a 28 de Março de 1895, via Algarve, donde se transporta a Málaga, e daí ao Rio de Janeiro, onde chega em 8 de Maio.

Começa a trabalhar na Casa Souto Maior e secretaria o Centro Republicano Português.

Funda o periódico “*A República Portuguesa*”, tendo por isso perdido o lugar no escritório.

Tomo parte dos actos comemorativos do centenário da morte de Basílio Gama, prefaciando o seu poema “*Uruguai*” e foi um dos promotores da “*Nova Revista*”.

Nos princípios de Dezembro de 1895, parte para Belém do Pará, onde chega a 17.

Aí colabora na “*Folha do Norte*”, de onde sai em Maio de 1896, e em Junho organiza o catálogo da biblioteca do Grémio Literário Português.

Prefacia o libreto do “*Guarani*”, quando uma companhia ali representou essa ópera, em 3 de Dezembro de 1896.

Dá aulas até 1897, que deixa para se tornar sócio da Papelaria Silva.

Organiza homenagens a Mousinho de Albuquerque, pelas vitórias contra os Vátuas.

Escreve o “*Sangue Latino*” que dedica a Teófilo Braga (1842-1924), relata esta aventura e faz apreciações políticas, históricas e literárias sobre Portugal e Estanha, não se coibindo de criticar alguns talentos da nova geração literária e artística, e em 1898, principia a colaborar na “*Província do Pará*” e publica “*O Álbum Amazónico*”.

Elabora o manifesto das associações portuguesas do referido estado (30 de Julho de 1897), sobre o Centenário Indiano. A colónia, reunida numa grande assembleia, elege-o secretário-geral dos festejos e da subscrição patriótica, para se adquirir uma nave de guerra.

Em 1898, volta a Portugal e em 1899 já está no Brasil, a subir o Amazonas rumo a Manáus, onde é director do “*Diário de Notícias*” e secretário-geral da Associação da Imprensa Amazonense (1900).

Em 1899, em Manáus é atacado pelo paludismo.

De volta a Belém do Pará, escreve “*A Questão do Acre*”.

Vai ao Rio de Janeiro onde colabora no “*País*” e em 2 de Maio de 1900 chega a S. Luís do Maranhão.

É nesse ano que escreve “*O Sr. Sílvia Romero e a Literatura Portuguesa*”, onde defende Teófilo Braga e funda a “*Oficina dos Novos*”, grémio literário que mais tarde (1908) iria dar origem à Academia Maranhense de Letras.

Em 1901 colabora na “*Revista do Norte*” e na “*Pacotilha*”.

Em Setembro de 1902 é convidado para sub-secretário da Associação Comercial do Maranhão.

Por morte de Teixeira Bastos (1857-1902), crítico português, Teófilo Braga nomeia-o seu testamenteiro literário. Daí a família de Fran Paxeco

¹O nome foi alterado oficialmente para Manuel Fran Paxeco, conforme Diário de Governo nº 268, de 25 de Novembro de 1905.

representar a de Teófilo Braga na cerimónia da trasladação dos seus restos mortais, do Mosteiro dos Jerónimos para o Panteão em Santa Engrácia, por altura da inauguração.

O Caminho de Ferro São Luís-Caxias adveio, ou pelo menos entrou em cogitações mais sérias, na grande assembleia de 14 de Agosto de 1904, promovida por Fran Paxeco².

Em fins de Maio de 1904 vai para Manáus, e em Agosto segue para o Alto-Juruá acompanhando o Coronel Thaumaturgo de Azevedo, seu amigo, para fundar a “prefeitura do Alto-Juruá” no Acre, na cidade que se vai chamar Cruzeiro do Sul (junto dos Andes Peruanos).

Aí, dirige o Gabinete do Perfeito, secretaria a prefeitura e é director da Imprensa Oficial, onde se imprimia o semanário “*O Cruzeiro do Sul*” e em 1906 “*O Departamento do Juruá*” de autoria.

Em Junho de 1905, está em S. Luís do Maranhão de férias, para visitar a noiva e os amigos, quando na volta, em Outubro, é alvo de grandes perseguições por parte do novo perfeito, inimigo do anterior. O Dr. Virgolino Alencar não entendeu uma resolução dada e anulou um contrato que classificou de clandestino e criminoso. Fran Paxeco toma-se como ofendido e solicita a sua exoneração, já que tinha sido ele que levara o dito, com a devida autorização do coronel, já de partida para o Rio de Janeiro. O novo perfeito diz-lhe que semelhantes qualificativos apenas se dirigiam ao acto de seu antecessor, mas Fran Paxeco acha que qualquer injúria feita àquele distinto brasileiro é como se fosse a si próprio.

Nega-lhe a demissão e dois dias depois manda-o prender, instaura-lhe um processo, sendo julgado incorrectamente. É sujeito a diversas sevícias inconcebíveis que provocam distúrbios psíquicos graves, pelo que é internado no hospício de Manáus, em Março de 1907.

Os seus amigos de S. Luís do Maranhão procuram desfazer este equívoco, publicando na “*Pacotilha*” e outros jornais o seu protesto pela injustiça que estava a acontecer no Juruá. São mais de 130 pessoas que subscrevem os artigos e, em simultâneo a colónia portuguesa do Maranhão faz chegar junto do Governo Federal, documento onde pede a reposição da verdade.

Nessa luta foi muito importante o esforço e espírito coordenador de sua noiva, Isabel Eugénia de Almeida Fernandes, que consegue todo o apoio das amigas e seus familiares que a acompanham em toda a luta que vai encetar.

É um facto invulgar para a época em que a família tradicional com princípios bastante rígidos vedava qualquer movimentação de donzelas sem acompanhamento do pai (já falecido) ou irmão (ausente no Rio de Janeiro). Foi um belo e dignificante exemplo à mulher maranhense.

Fran Paxeco, em Maio, vai para o Rio de Janeiro tratar-se devidamente e passa pelo porto de S. Luís do Maranhão muito doente e ainda preso.

Em Junho, o Supremo Tribunal Federal decide pela sua inocência, responsabiliza os juizes e o perfeito é demitido.

Em Agosto, ainda em profunda melancolia, regressa a S. Luís para descansar e recuperar daquela armadilha.

Em Dezembro de 1908 retornou a Portugal, mas a 25 de Abril de 1909 está em S. Luís novamente. Dá aulas, faz conferências na Universidade Popular Maranhense. Continua a escrever na “*Pacotilha*”.

A 8 de Setembro de 1910, casa com a sua noiva, Isabel.

Em 1911 funda, com vários maranhenses, o Centro Republicano Português; o Casino Maranhense e o Instituto de Assistência à Infância.

A 24 de Agosto desse ano é nomeado Cônsul de Portugal no Maranhão por Teófilo Braga (Chefe do Governo Provisório da República Portuguesa).

De Novembro de 1913 a Fevereiro de 1914 está no Rio de Janeiro, chamado pelo 1º Embaixador de Portugal no Brasil, Bernardino Machado (1851-1944), para o secretariat.

Em 1916, publica “*Angola e os Alemães*”.

Segue para Lisboa, onde chega a 27 de Maio, para ocupar, entre outros cargos, o de secretário particular do Presidente da República, Bernardino Machado, mas continuando como Cônsul de Portugal no Maranhão (tinha sido promovido a Cônsul de 2ª classe em 4 de Julho de 1914).

Aproveita para frequentar a Academia de Ciências de Portugal e a Sociedade de Geografia, para a qual fora proposto sócio por Luciano Cordeiro.

Escreve “*A Cortiça em Portugal*”.

Exerce funções de secretário da Comissão Portuguesa de Acção Económica contra o inimigo e da Comissão de Fomento da Exportação Portuguesa.

Volta a S. Luís em Setembro de 1917, onde permanece até 1923.

Em 1918, foi o inspirador da Faculdade de Direito do Maranhão; da Escola de Farmácia e de Odontologia; do Instituto Ateniense; da Câmara Portuguesa do Comércio. 1919: da Legião dos Atenienses; 1920: do Congresso Pedagógico; 1921: do

²LUZ, Joaquim Vieira da Luz – Fran Paxeco e as Figuras Maranhenses, Rio de Janeiro, 1897.

Centro Académico; 1922: da Liga Portuguesa de Repatriação; da Escola de Belas-Artes.

Em Março de 1920, vai a Belém do Pará resolver a “Questão dos Poveiros” o que consegue com êxito.

Em Agosto de 1922 recebe em S. Luís do Maranhão, como Cônsul de Portugal, Sacadura Cabral, festejando a travessia aérea do Atlântico Sul.

Em Julho de 1923, a cidade de São Luís do Maranhão entrega-lhe o diploma de cidadão honorário.

Em 1923 vai para Belém do Pará, no mesmo posto de Cônsul de Portugal.

Fica mais de 20 anos no Brasil, período durante o qual empenhou muitos esforços para desenvolver as relações comerciais e literárias entre os dois países.

Organizou, por exemplo, em São Luís do Maranhão, um Congresso Literário Luso-Brasileiro em 1903.

Em princípios de 1927, vai para Cardiff, desempenhar idênticas funções diplomáticas.

Escreve em 1923 “*Portugal não é Ibérico*”.

Faz parte da “*South Wales Branch*” da Ibero American Society, contribuindo para que o nome fosse mudado para “*Hispanic and Portuguese Society*”. Com o Cônsul do Brasil consegue abrir e manter no “*Technical College*” uma cadeira de língua portuguesa.

Em 1933 vem para Lisboa, para a Direcção Geral dos Serviços Centrais do Ministério dos Estrangeiros.

Discursa a 1 de Outubro na glorieta a Luísa Todi em Setúbal, durante a sua inauguração.

E a 24 de Novembro já está em Liverpool, a cumprir mais uma missão diplomática, onde se mantém até 1935.

Nesse ano (1935) regressa aos Serviços Centrais, mas o Secretário-Geral do Ministério dos Estrangeiros, Teixeira de Sampayo (de 1929 a 1945) com poderes conferidos pelo Estado Novo, não lhe atribui mais nenhuma missão até 1939, altura em que adoece com grave acidente vascular cerebral – fica sem fala, sem poder escrever e paralisado.

Teófilo Braga e Bernardino Machado, homens que honrou, admirou, de quem era amigo e defensor incondicional, não têm seguidores ou apoiantes; são antes pelo contrário, vítimas da república sonhada, uma “república profundamente socialista”.

É aposentado em 1944. Vive lúcido mas muito limitado até 1952.

A Biblioteca do Grémio Literário Português em Belém do Pará e a Praça do Comércio em S. Luís do Maranhão, têm o seu nome.

Em Setúbal, a Rua Direita de Troino, tem o seu nome. Está representado no Tríptico do pintor Lu-

ciano existente no Salão Nobre da Câmara Municipal de Setúbal.

O seu nome encontra-se igualmente presente nas toponímias de São Paulo e do Cruzeiro do Sul (Acre).

Tem mais de 60 títulos publicados, sobre diversos assuntos, distribuídos por artigos em jornais, revistas e livros publicados.

Era pai de Elza Fernandes Paxeco (1912-1989), primeira senhora doutorada pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, casada com José Pedro Machado (1914-2005), arabista, filólogo e professor.

FONTES:

ALMEIDA, Ruben Ribeiro; LUZ, Joaquim Vieira da – *Fran Paxeco*, (1949), Separata da Revista da Academia Maranhense de Letras, Vol. VI, Maio.

AAVV – *Fran Paxeco, Homenagens que lhe prestaram, a 9 de Março de 1922, os seus amigos e admiradores*. (1922), São Luís do Maranhão.

LUZ, Joaquim Vieira da – *Fran Paxeco e as Figuras Maranhenses* (1957), Rio de Janeiro.

PAXECO, Fran – Pelo Ministério dos estrangeiros (1926), Belém do Pará.

PAXECO, Fran – *Sangue Latino* (1897), Lisboa.

Revista de Geografia e História – Fran Paxeco (1946), S. Luís do Maranhão, Dezembro, Ano I, Núm. 1.

BIBLIOGRAFIA ENCONTRADA:

1 – *O Uruguai*, prefácio a este poema de Basílio da Gama. Rio de Janeiro, Livraria Clássica de Alves & Comp, 1895.

2 – *O Guarani*, próêmio ao libreto da ópera de Carlos Gomes. Belém-Pará, 1896.

3 – *O Centenário Indiano*, manifesto das associações portuguesas do Pará. Belém-Pará, 1897.

4 – *O Sangue Latino*. Lisboa, 1897.

5 – *O Álbum Amazônico*. Genova, 1898.

6 – *Os escritores portugueses: Teófilo Braga*. Manaus, Tipografia do Diário de Notícias, 1899.

7 – *O Jubileu de João de Deus* - folheto. Manaus, 1899.

8 – *Os Escândalos do Amazonas*. Manaus, 1900.

9 – *A Questão do Acre, manifesto dos chefes acreanos*. Belém-Pará, 1900.

10 – *O Sr. Silvío Romero e a literatura portuguesa*. São Luís do Maranhão, A. P. Ramos d’Almeida, 1900.

11 – *Mensagem do Centro Caixeiral do Dr. Teófilo Braga*. São Luís, 1900.

12 – *Juiz sem Juízo*, comédia de A. Bisson, versão com Antônio Lôbo.

13 – *O Porvir Brasileiro* (série de longos artigos em vários números d'A Revista do Norte). São Luís, 1901.

14 – *O Maranhão e os Seus Recursos*. São Luís do Maranhão, 1902.

15 – *A Literatura da língua portuguesa*. São Luís do Maranhão, A Revista do Norte, 1902-1903.

16 – *O Sonho de Tiradentes*, peça num ato. São Luís do Maranhão, 1903.

17 – *O Comércio maranhense*, relatório da Associação Comercial do Maranhão. São Luís do Maranhão, 1903.

18 – *Os Interesses maranhenses*. São Luís do Maranhão, A Revista do Norte, 1904, XXVIII.

19 – *O Departamento do Juruá*. Cruzeiro do Sul, 1906.

20 – A Literatura portuguesa na Idade Média: conferência. São Luís do Maranhão, Universidade Popular do Maranhão, 1909.

21 – *O Maranhão: subsídios históricos e corográficos*. São Luís do Maranhão, 1912.

22 – *Portugal e a Renascença*. São Luís do Maranhão, 1912.

23 – *Os Braganças e a restauração*. São Luís do Maranhão, Tipografia da Pacotilha, 1912.

24 – *O Maranhão*. São Luís do Maranhão, 1913.

25 – *As normas ortográficas*, na Revista da Academia Maranhense. São Luís do Maranhão, 1913.

26 – *A Língua portuguesa*, por Filipe Franco de Sá, organização e posfácio. São Luís do Maranhão, 1915.

27 – *Angola e os alemães*. Maranhão, 1916.

28 – *O trabalho maranhense*. São Luís do Maranhão, Imprensa Oficial, 1916.

29 – *A escola de Coimbra e a dissolução do romantismo*. Lisboa, Ventura Abrantes, 1917.

30 – *A visão dos tempos*. Coimbra, 1917.

31 – *Teófilo no Brasil*. Lisboa, Ventura Abrantes, 1917.

32 – *Visão dos tempos - epopeia da humanidade*: conferência realizada em 21 de Fevereiro de 1917. Lisboa, Academia das Ciências de Portugal, 1917. Separata dos Trabalhos da Academia das Ciências de Portugal

33 – *A cortiça em Portugal* (resumo de informações do Ministério dos Estrangeiros). Lisboa, 1917.

34 – *As normas ortográficas*, in Revista da Academia Maranhense. São Luís do Maranhão, 1918.

35 – *João Lisboa*: livro comemorativo da inauguração da sua estátua contendo estudos críticos de vários autores (org. da Academia Maranhense). São

Luís de Maranhão, Imprensa Oficial, 1918.

36 – *Portugal e o equilíbrio europeu*, conferência, na Pacotilha. São Luís do Maranhão, 1918 (I-XII).

37 – *Portugal e o Maranhão*, folheto. São Luís do Maranhão, 1919.

38 – *O Pará e a colônia portuguesa*, folheto. Belém do Pará, 1920.

39 – *Geografia do Maranhão*. São Luís do Maranhão, 1923.

40 – *Trabalhos do congresso pedagógico do Maranhão*. São Luís do Maranhão, 1923.

41 – *Cartas de Teófilo Braga* (com um definitivo trecho autobiográfico do mestre e duas “confissões” de Camilo) (prefácio e compilação). Lisboa, Tip. da Emp. Diário de Notícias, 1924.

42 – *O Portugal primitivo*, folheto. Belém do Pará, Tip. Grafarina, 1925.

43 – *Sobre Teófilo Braga*, genealogia, folheto. Belém do Pará, 1925.

44 – *O século português (1415-1520)*, conferência longa, proferida na capital do Pará e publicada no País, do Rio de Janeiro. 1926.

45 – *Pelo Ministério dos Estrangeiros*. Belém do Pará, 1926.

46 – *Setúbal e as suas celebridades*. Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia, 1930/1931.

47 – *Portugal não é Ibérico* (antelóquio de Teófilo Braga). Lisboa, Tipografia Tôrres, 1932.

48 – *O poema do Amadis de Gaula*, conferência lida em 10-11-1932, na Universidade de Cardiff. Coimbra, Coimbra Editora, 1934 (separata da Biblos).

49 – *The intellectual relations between Portugal and Great Britain*. Lisboa, Império, 1937.

Para além da tradução de diversas comédias e dramas, Fran Paxeco escreveu numerosos artigos em jornais e revistas, proferiu muitas conferências e elaborou extensos relatórios consulares. Deixou oito livros concluídos, inéditos, sobre vários assuntos. Deixou igualmente no prelo Setúbal e a Província do Sado (desaparecidos).

Em Setembro de 2024, a Câmara Municipal de Setúbal, atribui-lhe, a título póstumo, a Medalha de Honra da Cidade na classe de Atividades Culturais.

Novembro de 2024
 Maria Rosa Pacheco Machado
 Neta de Fran Paxeco

Texto escrito conforme o anterior acordo ortográfico.

1874-1895

Infância. Serviço militar.

Início da carreira de jornalista

Nasceu em Setúbal, no antigo Terreiro de S. Caetano, a 9 de março de 1874, tendo sido batizado Manuel Francisco Pacheco (alterando o nome para Manuel Fran Paxeco em 1905, conforme o Diário do Governo nº 268, de 25 de Novembro).



Casa onde terá nascido Fran Paxeco, no antigo Terreiro de S. Caetano em Setúbal.

Digitalizado do original da LASA

(Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão)



Fran Paxeco aos 7 anos de idade.

In Joaquim Vieira de Luz, *Fran Paxeco e as Figuras Maranhenses*, Livros de Portugal, S.A., Edição Dois Mundos, Rio de Janeiro, 1957.

23 Declaro que desde o anno de 1891, vindo nessa data ao Estado do Pará, Republica dos Estados Unidos do Brasil, mudei o nome de Manuel Francisco Pacheco para o de Manuel Fran Paxeco, que de então para cá tenho adoptado em todos os actos publicos.

O motivo d'esta alteração consistiu em existirem na cidade de Belém, do Pará, quatro pessoas com o nome de Francisco Pacheco, exercendo uma d'ellas a profissão de commerciante. E tendo praxe ali, quando appareciam negociantes com nomes iguaes, mudar o seu aquelle que surgia depois de já conhecido, tive que realizar essa transformação, ao entrar no commercio paranaense.

Declaro mais que sou português, natural de Setúbal, Filho legítimo de José Anastasio Pacheco e Carolina Amelia Pacheco.

S. Luis do Maranhão, 12 de outubro de 1905.—
Manuel Fran Paxeco.

Certifico que a assinatura retro é a propria e verdadeira do sr. Fran Paxeco, escritor, de passagem nesta cidade, com destino ao Havre.

Consulado de Portugal no Maranhão, 14 de outubro de 1905.—J. C. Fagundes, Consul.

Logar do sello do Consulado de Portugal no Maranhão.

Pagou a quantia de 12500 réis fortes, segundo o n.º 42 da tabella, ficando esta importância lançada no livro de receita sob o n.º 24.

Maranhão, 14 de outubro de 1905.—J. Amorim.

N.º 254.—Pagou de sello de verba a quantia de 120 réis.

Lisboa, Recolta Eventual, 16 de novembro de 1905.—O Escrivão, W. R. S. de Oliveira — O Recebedor, C. Real.

Logar de um carimbo a tinta preta com as armas reais portuguezas e as seguintes dizees: «Sello de verba — Lisboa».

Recoheço a assinatura supra do consul de Portugal no Maranhão.

Repartição do expediente da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, 16 de novembro de 1905.—José Carlos Pinto Garcia.

Tem collada e devidamente inutilizada uma estampilha do imposto do sello da taxa de 20 réis.

Logar do sello do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

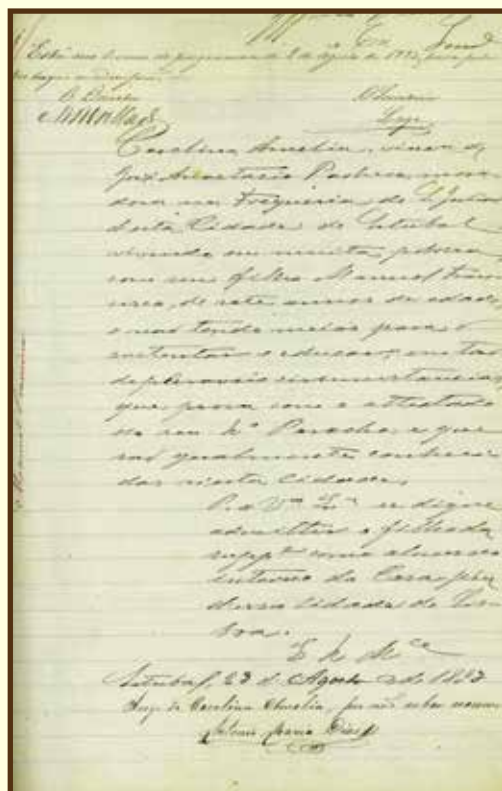
Pagou 12160 réis de emolumentos e addicionaes.—Guia n.º 151 de 1905.—Festar.

E publica-forma que fiz escrever e van conforme ao original, que restitui.

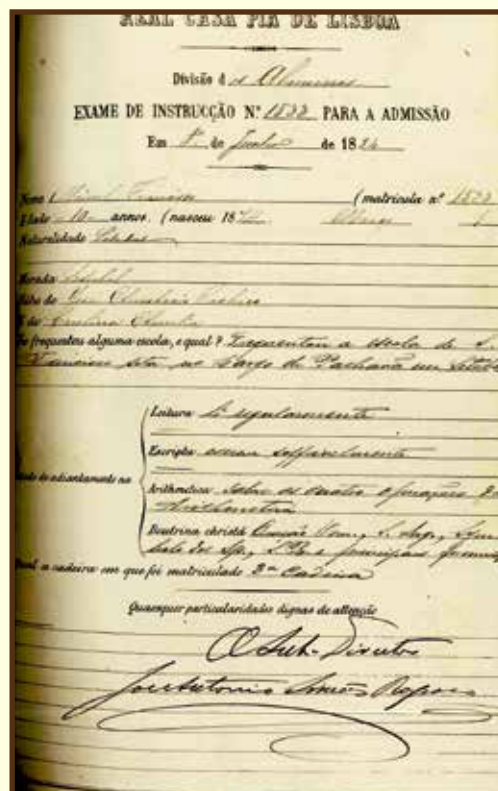
Setúbal, 29 de novembro de 1905.—Em testemunho da verdade, o Notario, *Leandro Thomaz da Silva*.

Publicação da notícia de mudança do nome, de Manuel Francisco Pacheco para Manuel Fran Paxeco. *Diário do Governo*, 25/11/1905, nº 268. Doação Maria Rosa Pacheco Machado Museu de Setúbal/Convento de Jesus excerto

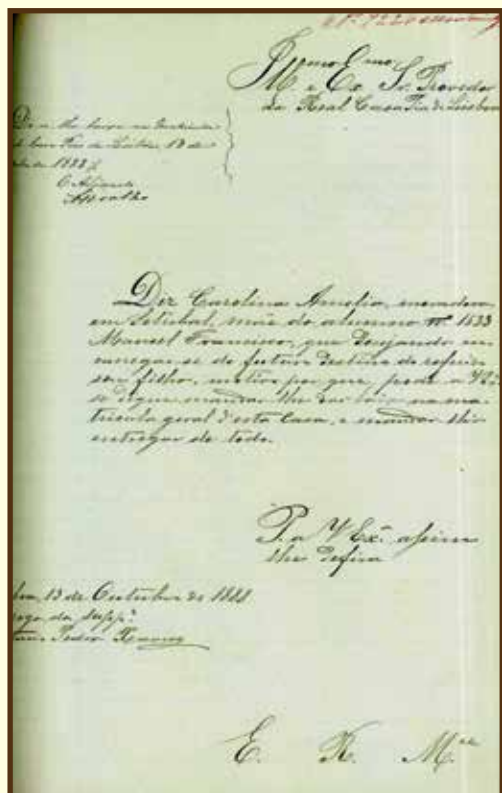
Ficou sem pai aos 10 anos, altura em que ingressou na Casa Pia de Lisboa, para prosseguir os estudos.



Pedido de admissão de Manuel Francisco Pacheco, como aluno interno na Casa Pia de Lisboa, a 23 de agosto de 1883. Fran Paxeco, contudo, só daria entrada na instituição em 1884.
Casa Pia de Lisboa, Centro Cultural Casapiano



Registo do Exame de Instrução de Manuel Francisco Pacheco, para admissão na Casa Pia de Lisboa, em junho de 1884.
Casa Pia de Lisboa, Centro Cultural Casapiano



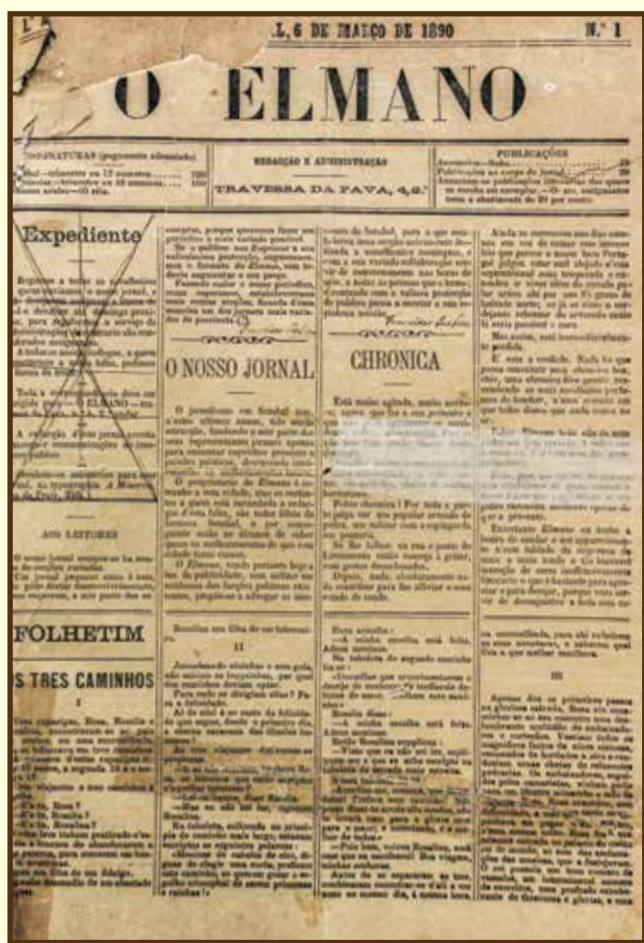
Pedido e autorização, de Manuel Francisco Pacheco, para a baixa na matrícula geral da Casa Pia de Lisboa, a 13 de outubro de 1888.
Casa Pia de Lisboa, Centro Cultural Casapiano



Pedido para o subsídio de baixa na Casa Pia de Lisboa, no seguimento do pedido de baixa da matrícula geral, a 13 de outubro de 1888.
Casa Pia de Lisboa, Centro Cultural Casapiano

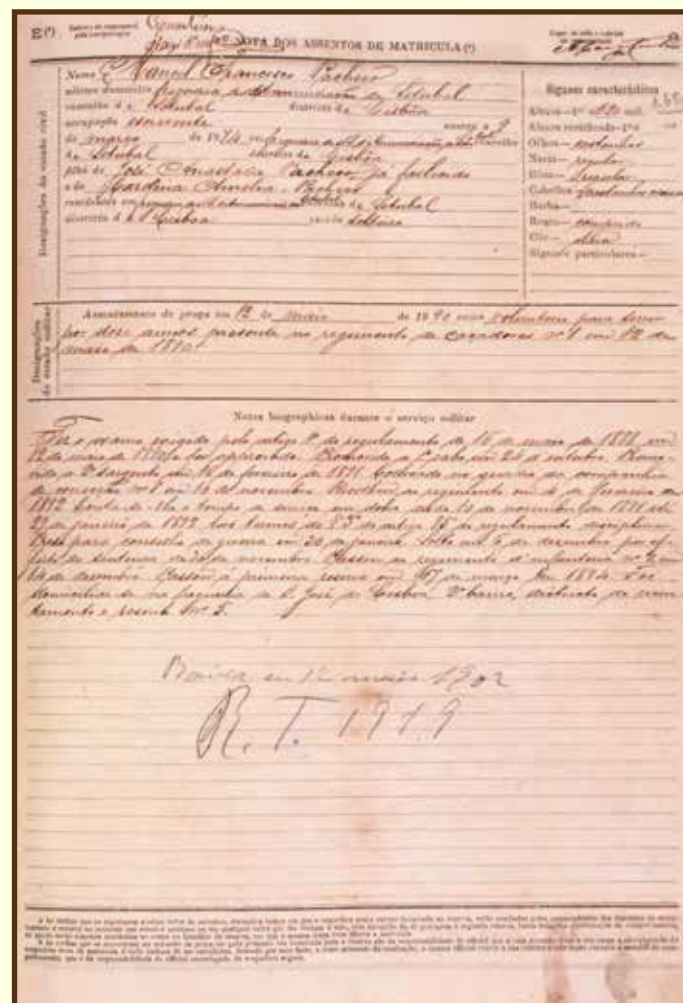
Voltou para Setúbal aos 14 anos, indo trabalhar numa conservatória e iniciando a sua carreira de jornalista na Gazeta Setubalense.

Aos 16 anos, a 6 de março de 1890, fundou O Elmano (Setúbal), periódico de que nesse ano só saiu um número, mas que reapareceu em 1893.



O Elmano, nº 1, 1º Ano, 06/03/1890
Biblioteca Pública Municipal de Setúbal

Ingressou no exército como voluntário, em maio de 1890, mas saiu apenas quatro anos depois. Durante esse período teve quatro faltas disciplinares e foi a conselho de guerra, onde foi sentenciado (em 30/11/1892) a 6 meses de prisão, “levando-se-lhe em consideração o tempo de prisão preventiva por insubordinação por ofensa por meio de escripto a superior”. Passou à primeira reserva em 17 de março de 1894.



Pormenor da Caderneta militar de Manuel Francisco Pacheco, que prestou serviço militar entre 12/05/1890 e 17/03/1894 (data em que passou à reserva).
Doação Maria Rosa Pacheco Machado
Museu de Setúbal/Convento de Jesus

Foi redator do ressurgido O Elmano (Setúbal), entre 1893 e 1895. Em 1894 tornou-se redator político no A Vanguarda (Lisboa). Foi igualmente redator dos semanários A Montanha (Trancoso) e O Cezimbrense (Sesimbra). Colaborava, ainda, com outros jornais, como O Século.



Artigo do *Elmano*, 25/06/1893
Biblioteca Pública Municipal de Setúbal



Artigo do *Elmano*, 07/02/1895
Biblioteca Pública Municipal de Setúbal



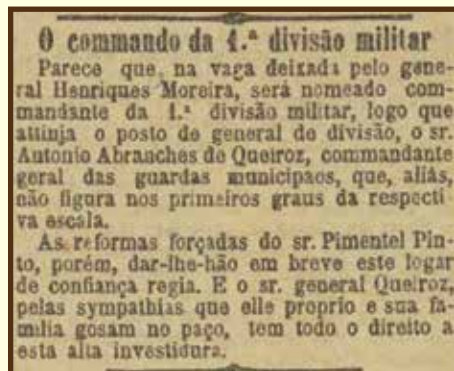
Artigo do *Elmano*, 31/01/1895
Biblioteca Pública Municipal de Setúbal

Um artigo, intitulado “O comando da 1.^a divisão militar”, publicado no *A Vanguarda*, a 10 de janeiro de 1895 (desenvolvendo outra notícia mais curta, dada de 7 de janeiro), deu origem a uma crescente e enorme polémica, tendo acabado por ser levantado um processo contra Fran Paxeco.

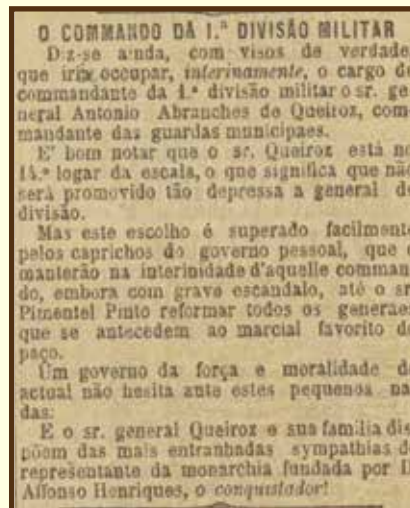
O artigo referia-se a um indevido futuro favorecimento, por parte do governo, na promoção do então

comandante das guardas municipais, aludindo, ainda, ao relacionamento entre a família desse militar e o rei D. Carlos.

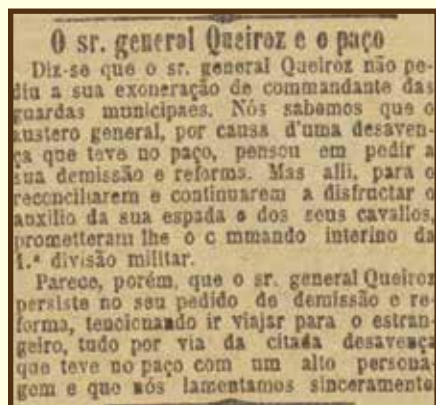
Como consequência, Fran Paxeco, ainda sujeito à disciplina militar, como reservista, saiu clandestinamente do país (a 28 de março de 1895) a caminho de Espanha, com o nome de Viegas Guimarães. Em Málaga partiu para o Brasil.



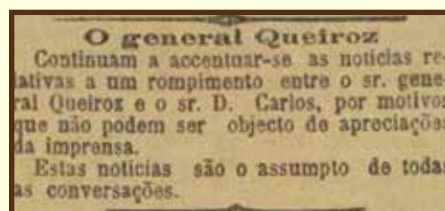
Artigo da *Vanguarda*, 07/01/1895
Biblioteca digital nacional



Artigo da *Vanguarda*, 10/01/1895
Biblioteca digital nacional



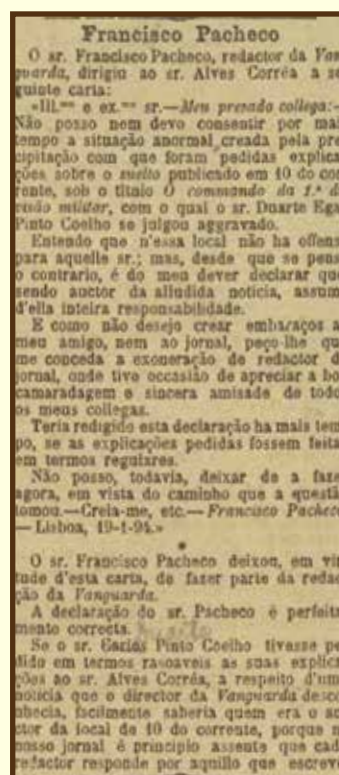
Artigo da *Vanguarda*, 12/01/1895
Biblioteca digital nacional



Artigo da *Vanguarda*, 15/01/1895
Biblioteca digital nacional



Artigo da *Vanguarda*,
20/01/1895
Biblioteca digital nacional



Setúbal, terra de pescadores, de salicultores, de armadores, de industriais e de operários conserveiros (especialmente a partir de 1880), tinha também uma forte componente agrícola com quintas, que entravam por dentro da linha das muralhas seiscentistas ainda em 1900.

Elevada à categoria de Cidade, em 1860, seria objeto de várias mudanças urbanas, económicas e sociais: a inauguração do caminho-de-ferro e da estação ferroviária em 1861, a inauguração da carreira fluvial entre Setúbal e Alcácer do Sal (já existente em 1876), o início da iluminação a gás em 1863, o desenvolvimento da terra-planagem da Rua da Praia (iniciada em 1848), a arborização de largos e ruas, a inauguração

da estátua de Manuel Maria Barbosa du Bocage em 1871, a fundação do liceu municipal em 1858, a fundação da associação dos bombeiros voluntários em 1883, a fundação de uma biblioteca pública em 1873... mas também a decadência contínua da salicultura, o deficiente abastecimento de água, a precariedade do saneamento, o agravamento das condições de vida das classes desfavorecidas, devido ao súbito crescimento populacional (provocado pela imigração de populares, atraídos pela oferta de trabalho da indústria conserveira, especialmente a partir de 1880) e às más condições de trabalho, gerador de intensas reivindicações e conflitos sociais.



Vista da Avenida Luísa Todi, Setúbal

Autor Desconhecido

1876

Digitalização de negativo de 1ª geração de gelatina em vidro

Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro, cliché 326, caixa 799

Enquadramento da zona poente da Rua da Praia (antiga denominação da Avenida Luísa Todi), onde se identificam a Fábrica de Gás de 1863, a Igreja paroquial da Anunciada, a Fortaleza de São Filipe, o Convento de São Francisco e os moinhos na linha do horizonte.

1895-1911

Ida para o Brasil.

Jornalismo. Escrita e publicação.

Docência cultural e social

Chegou ao Rio de Janeiro, a 8 de maio de 1895, indo trabalhar na Casa Souto Maior. Aí fundou o periódico *A República Portuguesa*, tendo por isso perdido o emprego, e apoiou a *Nova Revista*. Simultaneamente, participou nas comemorações do centenário da morte de Basílio Gama, prefaciando o seu poema *Uruguai*.



Largo de São Francisco, no Rio de Janeiro, em 1895.
Fotografia de Marc Ferrez (1843 - 1923).
<http://veja.abril.com.br/multimedia/galeria-fotos/marc-ferrez>

Partiu para Belém do Pará em dezembro de 1895. Aí, colaborou na *Folha do Norte*, até maio de 1896, e organizou o catálogo da biblioteca do Grémio Literário Português. Deu aulas até abril de 1897, altura em que se tornou sócio solidário da Papelaria Silva. Nesse mesmo ano escreveu *O Sangue Latino*. Em 1898 começou a colaborar na *Província do Pará* e publicou *O Álbum Amazónico*.



Fotografia de Manuel Fran Paxeco tirada no Pará, a 9 de março de 1897, quando completou 23 anos.
Digitalizado do original de Maria Rosa Pacheco Machado



Pormenor da Biblioteca do Grémio Literário e Recreativo Português. Fundado, em 1867, com o nome de O Grémio Literário Português, posteriormente alterado, em 1906, para Grémio Literário e Comercial Português e, finalmente, em 1973, para a atual denominação.
<https://www.facebook.com/atelierderestau-ro.antiguidades>, Belém do Pará.

Em agosto de 1898 viajou até Portugal, tendo regressado ao Brasil em abril de 1899, ano em que subiu o Amazonas com destino a Manaus, onde foi diretor do *Diário de Notícias*.



Passaporte emitido em Santa Maria de Belém do Pará, em 30/07/1898, a Manuel Fran Pacheco (identificado como comerciante) para uma viagem a Portugal. Doação Maria Rosa Pacheco Machado Museu de Setúbal/Convento de Jesus

Chegou a S. Luís do Maranhão a 2 de maio de 1900. Ainda nesse ano, escreveu *O Sr. Sílvio Romero e a Literatura Portuguesa* e impulsionou a fundação da Oficina dos Novos, grémio literário.

Nos anos seguintes colaborou na *Revista do Norte* e na *Pacotilha*. Em setembro de 1902 foi convidado para subsecretário da Associação Comercial do Maranhão e, nesse mesmo ano, Teófilo Braga nomeou-o seu testamentário literário.

Integrou, em 1908, o grupo fundador da Academia Maranhense de Letras.



Sede da Academia Maranhense de Letras (a partir de 1908). In Joaquim Vieira de Luz, *Fran Paxeco e as Figuras Maranhenses*, Livros de Portugal, S.A., Edição Dois Mundos, Rio de Janeiro, 1957.

Em 1900 voltou a viajar até Belém do Pará, onde escreveu *A Questão do Acre*, e até ao Rio de Janeiro, onde colaborou no *País*.



Mapa do Brasil com localização do Estado do Acre. <http://mapasdomundo.tk/mapa-do-brasil-especial-mapas-do-mundo-2/mapa-brasil-mapas-10/>



Redação da Pacotilha. In Joaquim Vieira de Luz, *Fran Paxeco e as Figuras Maranhenses*, Livros de Portugal, S.A., Edição Dois Mundos, Rio de Janeiro, 1957.



Fotografia de conjunto dos intelectuais, da época, em S. Luís do Maranhão, que inclui Manuel Fran Paxeco. A legenda da fotografia está corrigida pelo próprio. *Gazeta de Notícias*, 18/10/1908. Doação Maria Rosa Pacheco Machado Museu de Setúbal/Convento de Jesus



"Diploma de Mérito dedicado aos Propugnadores da Educação Physica" concedido a Fran Paxeco, Maranhão, 18 de maio de 1904. Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil

A estadia de Manuel Fran Paxeco no Brasil incidiu na época conhecida por República Velha, iniciada com a proclamação da República em 1889 e terminada em 1930 (com a subida ao poder de Getúlio Vargas). Em 1891, o novo estado republicano redigiu a sua Constituição, de base positivista, onde sobressaia a separação entre o Estado e a Igreja.

Esta época histórica compreendeu dois períodos. A República da Espada, durante a qual o governo foi dominado pelo exército, e a República Oligárquica, com a eleição de presidentes civis. Este período iniciou-se em 1894, sendo que Manuel Fran Paxeco chegou ao Brasil no ano seguinte.

Durante a República Oligárquica o poder pertenceu especialmente aos políticos de São Paulo e de Minas Gerais, que se revezavam na presidência, numa política de equilíbrio de interesses entre os dois Estados, conhecida como “política do café com leite”, que privilegiava a produção de café (de São Paulo) e

a produção de leite (de Minas Gerais), em detrimento dos interesses de outros estados e dos empresários industriais, não obstante a importância de outros produtos, como a borracha, por exemplo.

Este período também foi caracterizado pela autonomia política dos vários estados brasileiros, conhecida como Política dos Estados. Não havia partidos nacionais nem candidatos independentes à presidência. O presidente da república era sempre um antigo governador de um dos estados.

O Brasil tornou-se no destino de muitos imigrantes europeus e japoneses. Foi, igualmente, palco de inúmeras revoltas, de uma guerra civil entre 1910 e 1914 (conhecida como “Política das Salvações”), da participação na 1ª Grande Guerra, do aparecimento dos movimentos anarquistas e comunistas e das primeiras greves operárias. Ao nível das infraestruturas construiu-se o caminho-de-ferro, as redes telegráficas e as fábricas hidroelétricas.



“Proclamação da República no Campo da Acclamação no dia 15 de novembro de 1889” in Urias Antonio da Silveira, *Galeria histórica da revolução brasileira de 15 de novembro de 1889 que ocasionou a fundação da República dos Estados-Unidos do Brasil*, 1890.

Biblioteca Nacional do Brasil, Divisão de Iconografia.
<http://international.loc.gov/intldl/brhtml/br-1/br-1-6.html>

O Estado do Pará, historicamente apoiado numa economia extractivista, desenvolveu-se com o breve Ciclo da Borracha, entre 1880 e 1910. Durante esse período, a capital, Belém, cresceu e embelezou-se, e a província recebeu imigrantes para a extração do látex. Manuel Fran Paxeco passou pela região na década de 90, durante esse período de enriquecimento, mas voltou em 1923 como cônsul, quando a economia já tinha regredido devido à concorrência das colónias inglesas na produção da borracha.



A cidade de Belém do Pará na 1ª década do séc. XX.

<http://memoria715.blogspot.pt/2011/10/belem-do-para.htm>

A Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão (criada no tempo do Marquês de Pombal) tinha desenvolvido a economia do Estado do Maranhão, (nomeadamente o cultivo do algodão e do arroz, à custa do trabalho escravo) e aumentado as migrações de portugueses para a região, fortalecendo deste modo as relações económicas e culturais com Portugal. São Luís, a capital, cresceu nesse período (entre o séc.

XVIII e meados do séc. XIX) a todos os níveis, nomeadamente o urbano (com a edificação de sobrados) e o cultural. Contudo, o declínio da cultura do algodão (causado pela alteração dos mercados externos e pela abolição da escravatura) ditou o declínio da economia maranhense a partir de meados de oitocentos. Recentemente (1997), a cidade de São Luís foi classificada Património Cultural da Humanidade.



Praça de João Lisboa, em São Luís do Maranhão.
Postal editado cerca 1910.
http://kamaleao.com/fotos/fotos.php?album=Imagens_Antigas_de_Sao_Luis_Maranhao

Voltou a viajar até Manaus, em fins de maio de 1904, seguindo, em Agosto, para o Alto-Juruá acompanhando o Coronel Thaumaturgo de Azevedo para fundar a “prefeitura do Alto-Juruá” no Acre, na cidade que se chamaria Cruzeiro do Sul (junto dos Andes Peruanos).
Aí, dirigiu o Gabinete do Prefeito, secretariou a prefeitura e foi diretor da Imprensa Oficial, onde se imprimia o semanário *O Cruzeiro do Sul* e onde publicou (em 1906) *O Departamento do Juruá*, de sua autoria.

Hino da cidade Cruzeiro do Sul com letra de Fran Paxeco.
<http://www.czs.com.br/apresentacao/hino-de-cruzeiro-do-sul/>

Letra: Fran Pacheco
Música: C. Ciarlini

No regaço da selva assombrosa
Onde outrora espumava o tapir
Uma bela cidade ruidosa
Vimos hoje fagueira surgir.

Pasma o índio bravo confundido
Empolgando uma flecha nos ares
Ao ouvir que é tão repetido
Vosso nome nos nossos palmares.

Para o seio da mata orvalhada
As aragens correndo lá vão
E no cimo da selva ondulada
Thaumaturgo Azevedo dirão
E no cimo da selva ondulada
Thaumaturgo Azevedo dirão.

No cetim da esfera dourada
Pelos raios fulgurantes do sol
Vosso feito reluz como espada
Vosso nome cintila qual o sol.

Vosso feito será imitado
Onde o raio do progresso chegou
Vosso nome então proclamado
Pelos filhos que o norte criou.

Para o seio da mata orvalhada
As aragens correndo lá vão
E no cimo da selva ondulada
Thaumaturgo Azevedo dirão
E no cimo da selva ondulada
Thaumaturgo Azevedo dirão.

O lampejo do sol do progresso
Doura ufano este belo alcantil
Contemplado será o universo
Novo estado no chão do Brasil.

E no trono dos seus esplendores
Sobre nuvens bordadas de azul
Deus semeia cascata de flores
E abençoa o Cruzeiro do Sul.

Para o seio da mata orvalhada
As aragens correndo lá vão
E no cimo da selva ondulada
Thaumaturgo Azevedo dirão
E no cimo da selva ondulada
Thaumaturgo Azevedo dirão.

Fonte: Livro “Thaumaturgo de Azevedo”

Em Outubro de 1905 foi alvo de acusações e perseguição por parte do novo prefeito de Cruzeiro do Sul, inimigo do anterior, acabando por ser preso e (como se viria a provar mais tarde) incorretamente julgado. Em março de 1907, ainda sob ordem de prisão, foi internado no hospício de Manaus, em consequência de maus tratos.

Os seus amigos de S. Luís do Maranhão, e a sua noiva, procuraram desfazer o equívoco, publicando na *Pacotilha*, e noutros jornais, o seu protesto. Mais de 130 pessoas subscreveram os artigos e, em simultâneo, a colónia portuguesa do Maranhão fez chegar junto do Governo Federal do Brasil um documento onde pedia a reposição da verdade.

Em junho, de 1907, o Supremo Tribunal Federal sentenciou a sua inocência, responsabilizando os anteriores juizes e demitindo o prefeito. Fran Paxeco regressou, então, a S. Luís do Maranhão.

Nesse mesmo ano apresentou-se com a caderneta militar no consulado português, enquanto reservista, beneficiando de uma amnistia concedida pelo decreto de 29/12/1900. Todavia, apenas em julho de 1908 foi registado o arquivamento, por prescrição, do crime de deserção, de que fora acusado aquando da sua partida (não autorizada) de Portugal em 1895.



Notícia relativa à prisão de Manuel Fran Paxeco no Brasil. *O Mundo*, Lisboa, 09/05/1907. Doação Maria Rosa Pacheco Machado Museu de Setúbal/Convento de Jesus

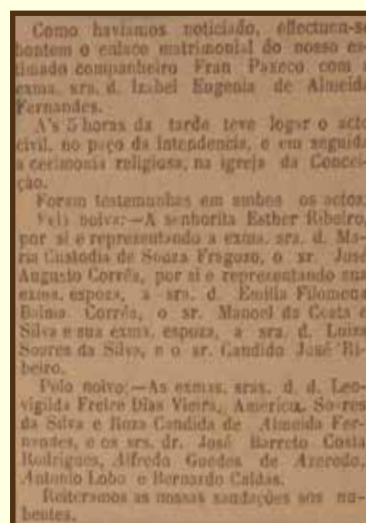


Notícia relativa à liberação e ao *habeas-corpus* concedido, a 8 de junho desse ano, a Manuel Fran Paxeco, pelo Supremo Tribunal Federal do Brasil, no seguimento do recurso a uma acusação e perseguição de que fora alvo. *A Vanguarda*, Lisboa, 06/07/1907. Biblioteca digital nacional

Em dezembro de 1908 retornou a Portugal, mas a 25 de abril de 1909 já estava novamente em S. Luís (Maranhão). Dedicou-se à docência e às conferências e continuou a escrever na Pacotilha. Casou a 8 de setembro de 1910. Em 1911 fundou, com outros, o Centro Republicano Português, o Casino Maranhense e o Instituto de Assistência à Infância.



Artigo acerca do "Maranhão Literário", ilustrado com uma fotografia de conjunto, dos intelectuais da época, que inclui Manuel Fran Paxeco. A legenda da fotografia está corrigida pelo próprio. *Gazeta de Notícias*, 18/10/1908. Doação Maria Rosa Pacheco Machado Museu de Setúbal/Convento de Jesus



Anúncio do casamento de Manuel Fran Paxeco com Isabel Eugénia de Almeida Fernandes. *A Pacotilha*, Maranhão, 09/09/1910. Doação Maria Rosa Pacheco Machado Museu de Setúbal/Convento de Jesus



Manuel Fran Paxeco em fotografia de conjunto com as crianças do Instituto de Assistência à Infância, São Luís do Maranhão, 1919. Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil

1911-1939

Carreira diplomática e outros cargos públicos.

Ação académica, cultural e social.

Monografias e artigos

A 24 de Agosto de 1911 foi nomeado Cônsul de Portugal no Maranhão por Teófilo Braga (Chefe do Governo Provisório da República Portuguesa).

Em 1913 foi chamado ao Rio de Janeiro, para secretariar o 1º Embaixador de Portugal no Brasil, Bernardino Machado.



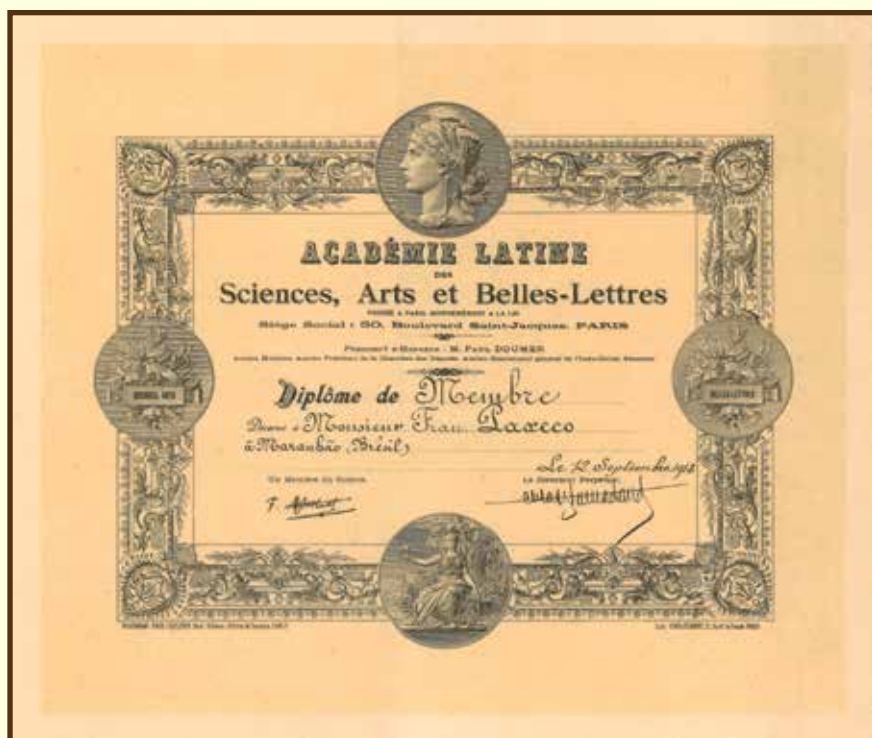
Carta Patente, do Governo Provisório da República Portuguesa, de 24 de agosto de 1911, nomeando Manuel Fran Paxeco cônsul de Portugal no Maranhão (Brasil).
Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil



Diploma de membro da Associação Pedagógica Almir Nina, a Manuel Fran Paxeco, S. Luís do Maranhão, 24 de julho de 1912.
Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil



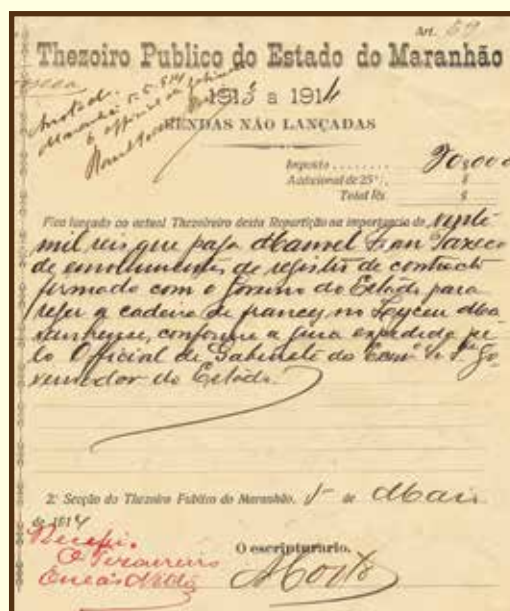
Diploma de Medalha de Ouro atribuída pela "Société Académique d'Histoire Internationale" ao membro Manuel Fran Paxeco, Paris (França), 27 de junho de 1912.
Doação Maria Rosa Pacheco Machado
Museu de Setúbal/Convento de Jesus



Diploma de membro da "Académie Latine des Sciences, Arts et Belles-Lettres" a Manuel Fran Paxeco, Paris (França), 12 de setembro de 1913.
Doação Maria Rosa Pacheco Machado
Museu de Setúbal/Convento de Jesus



Recibo, de 3 de outubro de 1913, do pagamento de emolumentos por Fran Paxeco, respeitantes ao contrato para professor de Geografia e Corografia no Liceu Maranhense.
Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil



Recibo, de 5 de maio de 1914, do pagamento de emolumentos por Fran Paxeco, respeitantes ao contrato para professor de francês no Liceu Maranhense.
Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil

A 27 de maio de 1914 seguiu para Lisboa, para ocupar o cargo de secretário particular do, então já, Presidente da República, Bernardino Machado, mantendo-se, contudo, como Cônsul de Portugal no Maranhão (tendo sido promovido a Cônsul de 2ª classe em 4 de Julho de 1914).

Durante a sua estadia em Portugal frequentou a

Academia de Ciências de Portugal e a Sociedade de Geografia, de que era sócio. Exerceu, ainda, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, as funções de secretário da Comissão Portuguesa de Ação Económica contra o Inimigo e da Comissão de Fomento da Exportação Portuguesa. Entretanto escreveu *A Cor-tiça em Portugal*.



Carta Patente, de 12 de setembro de 1914, nomeando Manuel Fran Paxeco cônsul de Portugal no Maranhão, com jurisdição nos Estados do Maranhão, Piauí e Ceará (Brasil). Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil



Confirmação do Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, de 09 de dezembro de 1914, da nomeação de cônsul no Maranhão, com jurisdição nos Estados do Maranhão, Piauí e Ceará (Brasil). Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil



Diploma de correspondente da "Academia de Sciencias de Portugal" a Manuel Fran Paxeco, Lisboa, 13 de janeiro de 1915. Doação Maria Rosa Pacheco Machado Museu de Setúbal/Convento de Jesus

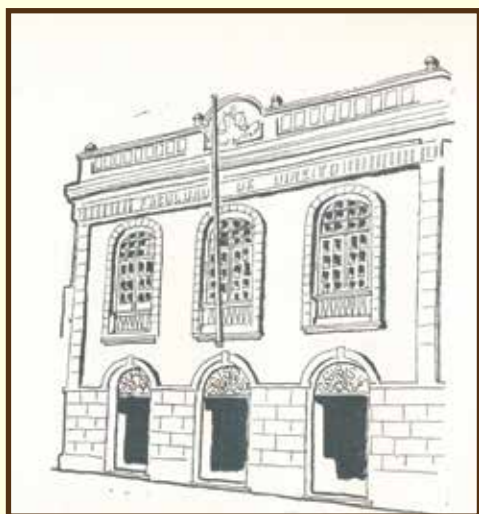


Diploma de Funções Públicas passado pela República Portuguesa, em 13 de Março de 1915, referente à nomeação, de 4 de julho de 1914, de Manuel Fran Paxeco como cônsul de segunda classe. Doação Maria Rosa Pacheco Machado Museu de Setúbal/Convento de Jesus



Listagem do Pessoal admitido na Academia de Ciências de Portugal, entre 31 de outubro de 1915 e 15 de novembro de 1916, in *Trabalhos da Academia de Ciências de Portugal*, Primeira Série, Tomo V, Coimbra, 1917. Fran Paxeco, correspondente nacional da Academia, é identificado como economista e literato.

Em setembro de 1917 voltou para S. Luís do Maranhão. Em 1918, participou na fundação da Faculdade de Direito do Maranhão e da Câmara Portuguesa do Comércio, entre outras instituições. Em 1919 na da Legião dos Atenienses. Em 1920 organizou o Congresso Pedagógico da Faculdade de Direito. Em 1921 participou do Centro Académico.

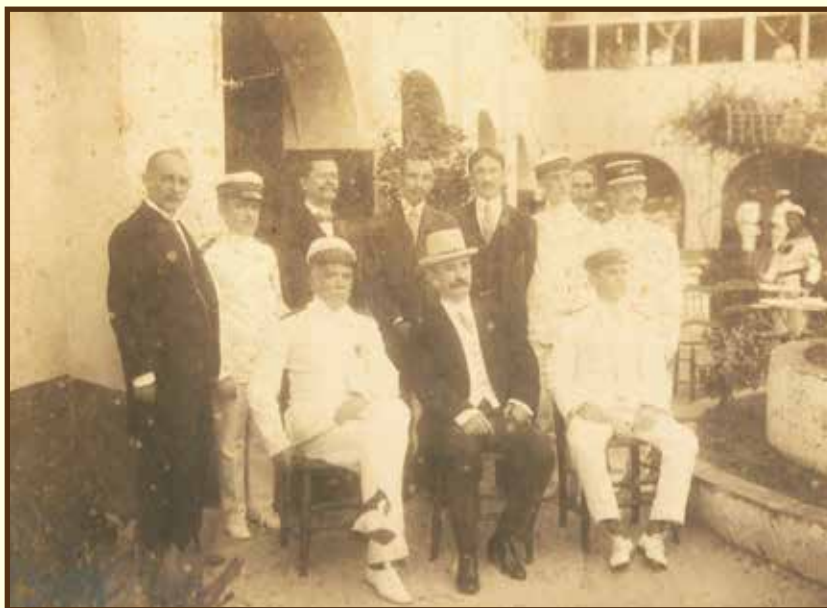


Sede original da Faculdade de Direito do Maranhão, cofundada por Fran Paxeco. In Joaquim Vieira de Luz, *Fran Paxeco e as Figuras Maranhenses*, Livros de Portugal, S.A., Edição Dois Mundos, Rio de Janeiro, 1957.

Deslocou-se temporariamente a Belém do Pará, em 1920, devido à “Questão dos Poveiros” (pescadores portugueses da Póvoa do Varzim, que tiveram de se repatriar por se recusarem naturalizar-se brasileiros).



Manuel Fran Paxeco em fotografia de conjunto da Junta Federativa das Associações Portuguesas do Pará, em 1920. Grémio Literário e Recreativo Português de Belém do Pará, Brasil



Fotografia dos convivas do almoço com o Governador do Maranhão, Herculano Nina (1914-1917), incluindo Manuel Fran Paxeco.
Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil



Diploma de Sócio honorário do "Instituto Histórico e Geográfico do Pará", Belém, 12 de Maio de 1920. Este diploma apresenta, por baixo das assinaturas, a reprodução do "Prospecto do Norte da Cidade de Belém do Gram Pará" de 1753.
Doação Maria Rosa Pacheco Machado
Museu de Setúbal/Convento de Jesus

Em S. Luís do Maranhão recebeu, em agosto de 1922, Sacadura Cabral festejando a travessia aérea do Atlântico Sul.



Sacadura Cabral na chegada a São Luís do Maranhão, em 1922, ainda a bordo do navio "República" (da Marinha de Guerra Portuguesa) com o Cônsul de Portugal (Manuel Fran Paxeco) à sua direita. Digitalizado do original de Maria Rosa Pacheco Machado



Sacadura Cabral no banquete em São Luís do Maranhão. Digitalizado do original de Maria Rosa Pacheco Machado

Em 1923 foi-lhe atribuído um novo consulado, desta vez em Belém do Pará.



Carta Patente, de 12 de novembro de 1923, nomeando Manuel Fran Paxeco cônsul de Portugal no Pará (Brasil). Doação Maria Rosa Pacheco Machado Museu de Setúbal/Convento de Jesus



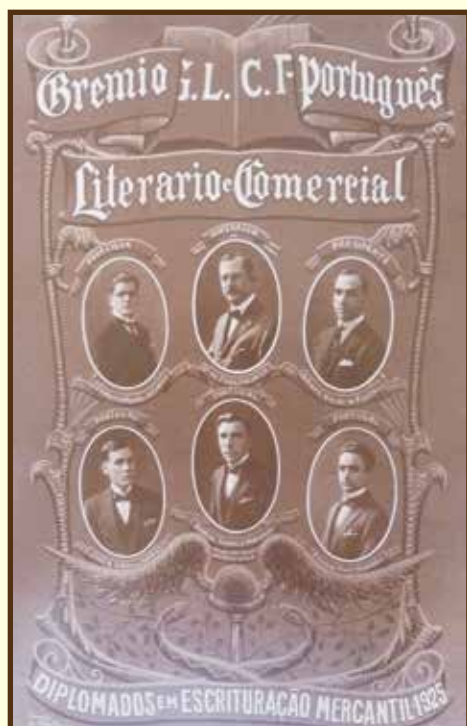
Confirmação do Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, de 31 de janeiro de 1924, da nomeação de cônsul no Pará. Doação Maria Rosa Pacheco Machado Museu de Setúbal/Convento de Jesus



Participação de Manuel Fran Paxeco em almoço oferecido por Antônio Emiliano de Sousa Castro, governador do Pará entre 1921 e 1925.
Grêmio Literário e Recreativo Português de Belém do Pará, Brasil



Manuel Fran Paxeco em fotografia de conjunto do corpo consular, cumprimentando Dionísio Bentes, no dia de sua posse enquanto presidente do Estado do Pará (em 1925).
Grêmio Literário e Recreativo Português de Belém do Pará, Brasil



Diplomados da escrituração mercantil, de 1925, do Grêmio Literário e Comercial Português, de Belém do Pará. A fotografia de Manuel Fran Paxeco aparece enquanto homenageado.
Grêmio Literário e Recreativo Português de Belém do Pará, Brasil



Fotografia de conjunto de Manuel Fran Paxeco com a direção do Centro Recreativo Português do Pará, em 1925. Dedicatória da direção ao cônsul português.
Grêmio Literário e Recreativo Português de Belém do Pará, Brasil



Manuel Fran Paxeco em fotografia de conjunto dos professores do Grémio Literário e Comercial Português, de Belém do Pará, em 1926. Grémio Literário e Recreativo Português de Belém do Pará, Brasil

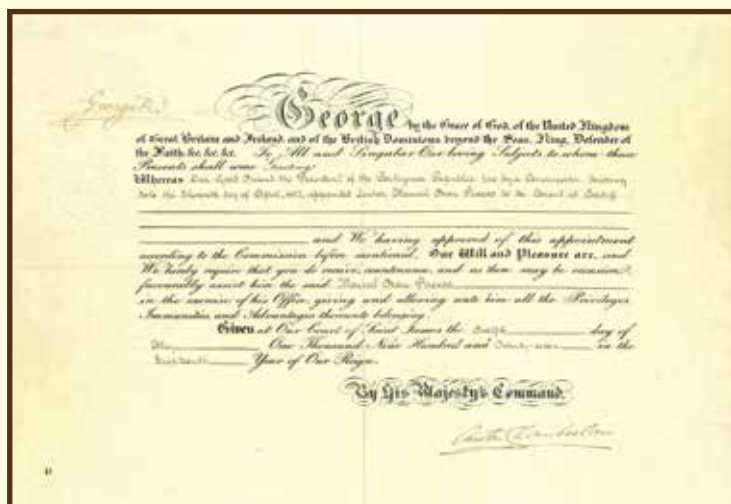


Diploma de sócio benemérito da "Benemerita Liga Portuguesa de Repatriação" a Manuel Fran Paxeco, Pará (Brasil), 26 de junho de 1925.
Doação Maria Rosa Pacheco Machado
Museu de Setúbal/Convento de Jesus

Em 11 de abril de 1927 foi renomeado e designado Cônsul em Cardiff, no País de Gales (Reino Unido), prolongando, contudo, a sua estadia em Belém por mais algum tempo.



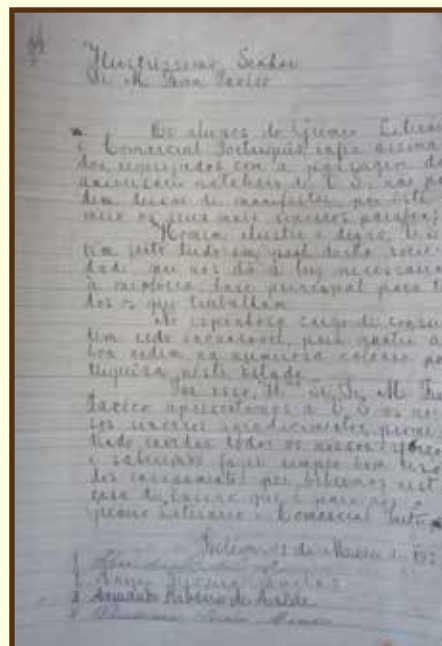
Carta Patente, de 11 de abril de 1927, nomeando Manuel Fran Paxeco cônsul de Portugal em Cardiff/País de Gales (Reino Unido).
Doação Maria Rosa Pacheco Machado
Museu de Setúbal/Convento de Jesus



Confirmação do Rei Jorge V do Reino Unido, de 12 de maio de 1927, da nomeação de cônsul em Cardiff/País de Gales (Reino Unido).
Doação Maria Rosa Pacheco Machado
Museu de Setúbal/Convento de Jesus



Fotografia de Manuel Fran Paxeco com os seus auxiliares, em 1928.
Grémio Literário e Recreativo Português de Belém do Pará, Brasil



Carta dos alunos do Grémio Literário e Comercial Português, de Belém do Pará, a Manuel Fran Paxeco, a 9 de março de 1928. Assinaturas no final da carta.
Grémio Literário e Recreativo Português de Belém do Pará, Brasil



Jantar em homenagem a Manuel Fran Paxeco em Belém do Pará, em 01 de julho de 1928.
Grémio Literário e Recreativo Português de Belém do Pará, Brasil



Diploma de professor honorário da "Faculdade de Direito do Estado do Maranhão" a Manuel Fran Paxeco, S. Luís do Maranhão (Brasil), 7 de julho de 1928.
Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil

Já em Cardiff, escreveu *Portugal não é Ibérico* (1932) e associou-se à South Wales Branch da Ibero American Society, contribuindo para que o nome fosse mudado para Hispanic and Portuguese Society. Em parceria com o Cônsul do Brasil conseguiu abrir e manter, no Tecnical College, uma cadeira de língua portuguesa.



Casa de Cardiff onde residiu a família de Fran Paxeco, quando aí esteve destacado como Cônsul de Portugal.
Digitalizado do original de Maria Rosa Pacheco Machado



Capa da Lista dos Passageiros do navio do Royal Mail, com partida de Londres em 13/05/1933, onde Fran Paxeco viajou até Lisboa.
Doação Maria Rosa Pacheco Machado
Museu de Setúbal/Convento de Jesus



Flyer de divulgação de uma conferência proferida (em 1933?), por Manuel Fran Paxeco, no Cine-Teatro Luiza Todi, sobre o tema "Setúbal e a Província do Sado" (tema do livro inédito que se extraviou).
Digitalização cedida por Maria Rosa Pacheco Machado

Em 1933 foi transferido para Lisboa, prestando serviço na Direção Geral dos Serviços Centrais do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Nalgumas cartas, de 1931 e 1933, a Bernardino Machado (Fundação Mário Soares) mostra-se descontente com essa sua transferência, além de elogiar algumas publicações críticas do Estado Novo, da autoria do destinatário.

LIST OF OFFICERS	PASSENGERS
MR. M. F. PAXECO 1. Mr. M. F. Paxeco 2. Mr. M. F. Paxeco 3. Mr. M. F. Paxeco 4. Mr. M. F. Paxeco 5. Mr. M. F. Paxeco 6. Mr. M. F. Paxeco 7. Mr. M. F. Paxeco 8. Mr. M. F. Paxeco 9. Mr. M. F. Paxeco 10. Mr. M. F. Paxeco 11. Mr. M. F. Paxeco 12. Mr. M. F. Paxeco 13. Mr. M. F. Paxeco 14. Mr. M. F. Paxeco 15. Mr. M. F. Paxeco 16. Mr. M. F. Paxeco 17. Mr. M. F. Paxeco 18. Mr. M. F. Paxeco 19. Mr. M. F. Paxeco 20. Mr. M. F. Paxeco 21. Mr. M. F. Paxeco 22. Mr. M. F. Paxeco 23. Mr. M. F. Paxeco 24. Mr. M. F. Paxeco 25. Mr. M. F. Paxeco 26. Mr. M. F. Paxeco 27. Mr. M. F. Paxeco 28. Mr. M. F. Paxeco 29. Mr. M. F. Paxeco 30. Mr. M. F. Paxeco 31. Mr. M. F. Paxeco 32. Mr. M. F. Paxeco 33. Mr. M. F. Paxeco 34. Mr. M. F. Paxeco 35. Mr. M. F. Paxeco 36. Mr. M. F. Paxeco 37. Mr. M. F. Paxeco 38. Mr. M. F. Paxeco 39. Mr. M. F. Paxeco 40. Mr. M. F. Paxeco 41. Mr. M. F. Paxeco 42. Mr. M. F. Paxeco 43. Mr. M. F. Paxeco 44. Mr. M. F. Paxeco 45. Mr. M. F. Paxeco 46. Mr. M. F. Paxeco 47. Mr. M. F. Paxeco 48. Mr. M. F. Paxeco 49. Mr. M. F. Paxeco 50. Mr. M. F. Paxeco 51. Mr. M. F. Paxeco 52. Mr. M. F. Paxeco 53. Mr. M. F. Paxeco 54. Mr. M. F. Paxeco 55. Mr. M. F. Paxeco 56. Mr. M. F. Paxeco 57. Mr. M. F. Paxeco 58. Mr. M. F. Paxeco 59. Mr. M. F. Paxeco 60. Mr. M. F. Paxeco 61. Mr. M. F. Paxeco 62. Mr. M. F. Paxeco 63. Mr. M. F. Paxeco 64. Mr. M. F. Paxeco 65. Mr. M. F. Paxeco 66. Mr. M. F. Paxeco 67. Mr. M. F. Paxeco 68. Mr. M. F. Paxeco 69. Mr. M. F. Paxeco 70. Mr. M. F. Paxeco 71. Mr. M. F. Paxeco 72. Mr. M. F. Paxeco 73. Mr. M. F. Paxeco 74. Mr. M. F. Paxeco 75. Mr. M. F. Paxeco 76. Mr. M. F. Paxeco 77. Mr. M. F. Paxeco 78. Mr. M. F. Paxeco 79. Mr. M. F. Paxeco 80. Mr. M. F. Paxeco 81. Mr. M. F. Paxeco 82. Mr. M. F. Paxeco 83. Mr. M. F. Paxeco 84. Mr. M. F. Paxeco 85. Mr. M. F. Paxeco 86. Mr. M. F. Paxeco 87. Mr. M. F. Paxeco 88. Mr. M. F. Paxeco 89. Mr. M. F. Paxeco 90. Mr. M. F. Paxeco 91. Mr. M. F. Paxeco 92. Mr. M. F. Paxeco 93. Mr. M. F. Paxeco 94. Mr. M. F. Paxeco 95. Mr. M. F. Paxeco 96. Mr. M. F. Paxeco 97. Mr. M. F. Paxeco 98. Mr. M. F. Paxeco 99. Mr. M. F. Paxeco 100. Mr. M. F. Paxeco	1. Mr. M. F. Paxeco 2. Mr. M. F. Paxeco 3. Mr. M. F. Paxeco 4. Mr. M. F. Paxeco 5. Mr. M. F. Paxeco 6. Mr. M. F. Paxeco 7. Mr. M. F. Paxeco 8. Mr. M. F. Paxeco 9. Mr. M. F. Paxeco 10. Mr. M. F. Paxeco 11. Mr. M. F. Paxeco 12. Mr. M. F. Paxeco 13. Mr. M. F. Paxeco 14. Mr. M. F. Paxeco 15. Mr. M. F. Paxeco 16. Mr. M. F. Paxeco 17. Mr. M. F. Paxeco 18. Mr. M. F. Paxeco 19. Mr. M. F. Paxeco 20. Mr. M. F. Paxeco 21. Mr. M. F. Paxeco 22. Mr. M. F. Paxeco 23. Mr. M. F. Paxeco 24. Mr. M. F. Paxeco 25. Mr. M. F. Paxeco 26. Mr. M. F. Paxeco 27. Mr. M. F. Paxeco 28. Mr. M. F. Paxeco 29. Mr. M. F. Paxeco 30. Mr. M. F. Paxeco 31. Mr. M. F. Paxeco 32. Mr. M. F. Paxeco 33. Mr. M. F. Paxeco 34. Mr. M. F. Paxeco 35. Mr. M. F. Paxeco 36. Mr. M. F. Paxeco 37. Mr. M. F. Paxeco 38. Mr. M. F. Paxeco 39. Mr. M. F. Paxeco 40. Mr. M. F. Paxeco 41. Mr. M. F. Paxeco 42. Mr. M. F. Paxeco 43. Mr. M. F. Paxeco 44. Mr. M. F. Paxeco 45. Mr. M. F. Paxeco 46. Mr. M. F. Paxeco 47. Mr. M. F. Paxeco 48. Mr. M. F. Paxeco 49. Mr. M. F. Paxeco 50. Mr. M. F. Paxeco 51. Mr. M. F. Paxeco 52. Mr. M. F. Paxeco 53. Mr. M. F. Paxeco 54. Mr. M. F. Paxeco 55. Mr. M. F. Paxeco 56. Mr. M. F. Paxeco 57. Mr. M. F. Paxeco 58. Mr. M. F. Paxeco 59. Mr. M. F. Paxeco 60. Mr. M. F. Paxeco 61. Mr. M. F. Paxeco 62. Mr. M. F. Paxeco 63. Mr. M. F. Paxeco 64. Mr. M. F. Paxeco 65. Mr. M. F. Paxeco 66. Mr. M. F. Paxeco 67. Mr. M. F. Paxeco 68. Mr. M. F. Paxeco 69. Mr. M. F. Paxeco 70. Mr. M. F. Paxeco 71. Mr. M. F. Paxeco 72. Mr. M. F. Paxeco 73. Mr. M. F. Paxeco 74. Mr. M. F. Paxeco 75. Mr. M. F. Paxeco 76. Mr. M. F. Paxeco 77. Mr. M. F. Paxeco 78. Mr. M. F. Paxeco 79. Mr. M. F. Paxeco 80. Mr. M. F. Paxeco 81. Mr. M. F. Paxeco 82. Mr. M. F. Paxeco 83. Mr. M. F. Paxeco 84. Mr. M. F. Paxeco 85. Mr. M. F. Paxeco 86. Mr. M. F. Paxeco 87. Mr. M. F. Paxeco 88. Mr. M. F. Paxeco 89. Mr. M. F. Paxeco 90. Mr. M. F. Paxeco 91. Mr. M. F. Paxeco 92. Mr. M. F. Paxeco 93. Mr. M. F. Paxeco 94. Mr. M. F. Paxeco 95. Mr. M. F. Paxeco 96. Mr. M. F. Paxeco 97. Mr. M. F. Paxeco 98. Mr. M. F. Paxeco 99. Mr. M. F. Paxeco 100. Mr. M. F. Paxeco

Pormenor da Lista dos Passageiros do navio do Royal Mail, com partida de Londres em 13/05/1933, com o nome de "Mr. M. F. Paxeco" no destino Lisboa.
Doação Maria Rosa Pacheco Machado
Museu de Setúbal/Convento de Jesus



Diploma de Funções Públicas passado pela República Portuguesa, a 1 de junho de 1933, referente à transferência, de 14 de março de 1933, de Manuel Fran Paxeco (cônsul de segunda classe) para a Direção Geral dos serviços centrais.
Doação Maria Rosa Pacheco Machado
Museu de Setúbal/Convento de Jesus



Fran Paxeco junto à glorieta de Luísa Todi, em Setúbal, no dia da sua inauguração (1 de outubro de 1933).
In Joaquim Vieira de Luz, *Fran Paxeco e as Figuras Maranhenses*, Livros de Portugal, S.A., Edição Dois Mundos, Rio de Janeiro, 1957.

Nesse ano participou e discursou na inauguração da glorieta a Luísa Todi em Setúbal, a 1 de Outubro de 1933.

Nova nomeação como Cônsul de Portugal, de 15 de Novembro de 1933, transferiu-o para Liverpool na Inglaterra (Reino Unido), onde se manteve até 1935.



Casa de Liverpool onde residiu a família de Fran Paxeco, quando aí esteve destacado como Cônsul de Portugal.
Digitalizado do original de Maria Rosa Pacheco Machado



Carta Patente, de 15 de novembro de 1933, nomeando Manuel Fran Paxeco cônsul de Portugal em Liverpool/Inglaterra (Reino Unido).
Doação Maria Rosa Pacheco Machado
Museu de Setúbal/Convento de Jesus



Confirmação do Rei Jorge V do Reino Unido, de 30 de dezembro de 1933, da nomeação de cônsul em Liverpool/Inglaterra (Reino Unido).
Doação Maria Rosa Pacheco Machado
Museu de Setúbal/Convento de Jesus



Fotografia de Manuel Fran Paxeco tirada em Liverpool, entre 1934 e 1935, pelo cônsul-adjunto Augusto Potier. Digitalizado do original de Maria Rosa Pacheco Machado



Fotografia de Fran Paxeco no consulado de Portugal em Liverpool – 1935. Digitalizado do original de Maria Rosa Pacheco Machado

Em 1935 regressou aos Serviços Centrais, em Portugal, mas Teixeira de Sampayo (Secretário-Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, de 1929 a 1945), não lhe atribuiu mais nenhuma missão.

Na década de 30, entre outras atividades e colaborações, enviou, com frequência, artigos para *O Setubalense* (mesmo quando ainda residia no Reino Unido), de temática económica, comercial, e histórica (nomeadamente sobre as figuras setubalenses).

572 REVISTA PORTUGUESA DE SEGUROS

A EVOLUÇÃO DA CASA PIA

(Discurso proferido, a 6-Julho-1936, na sala nobre da Associação Comercial de Lisboa, por Fran Paxeco, ao concluir-se as manifestações comemorativas pelo 156.º aniversário da respeitadora e adorável Casa, que Pina Manique fundou e defendeu, privilegiando-a. Também discursaram, nessa noite apoteósica, os sr. Luís da Costa Santos, director da *Revista Portuguesa de Seguros*, e professor José da Cruz Filipe, presidente da F. P. P. A. Os ouvintes dispuseram expostamente o farto afluência nos três andares.)

Sobram os subsídios elucidativos, para se descrever a trajectória do primeiro e maior dos colégios que já se criaram na terra portuguesa. Mas andam esperas por dezenas de publicações. Definir-lhe as características, em linhas magistrais, o muito erudito e admirável escritor Latino Coelho, uma das altas glórias do Romantismo. E

I. — Estabelecida por Diogo Inácio de Pina Manique, aos 3-Julho-1780, a prestantíssima universidade piebeas encobriu-se pela pronta acção, entre os muros do Castelo de S. Jorge, duns treze medeiros. Tratava-se, apenas, duma providência repressiva. Os designios preventivos vieram depois. No primitivo impulso, não se olhava a idade, nem a sexum. Viava-se tão só a corrigir os vícios, evitando-se o contágio da miséria criminosa. Pouco após, cuidou-se de instruir e de educar. Pina Manique entregou as directrizes pedagógicas ao vulgarizar geômetra e brilhante poeta José Anastácio da Cunha, antigo catedrático da Universidade, à data perseguido pelos abutres inquisitoriais. Arrancou-lho das garras.

Conseguiram a funcionar, além das cadeiras primárias, de: *Matemática*, regida pelo georrista dos estudos, autor dos *Princípios matemáticos*, coligidos para os seus alunos, e que a Casa mandou imprimir; *Química*, nas suas aplicações à lavoura, tinturaria, farmácia, metalurgia, dirigida pelo activíssimo Dr. Manoel Joaquim Henriques de Paiva; *Artilharia e fortificação*, pelo coronel Francisco Pêrcer; *Astronomia*, pelo oficial de artilheiros Custódio Gomes Vilas-Boas, que tradatou, mais tarde, o conhecido *Curso matemático*, de Besout; *Ótica*, por Vicente António de Oliveira. Lecionava-se, também, latim, francês, inglês e alemão, cadeira com que se iniciou, na pátria de Camões, o ensino dessa lingua. Ministravam-se noções de contabilidade, preparatórias para a *Aula de Comércio*, devida ao agrado marquez. Fundaram-se, ainda, bem úteis aulas de anatomia, de elementos cirúrgicos, de obstetrícia. Os alunos frequentavam o hospital de S. José, onde se verificava o tirocinio das três últimas disciplinas. Se revelassem claras aptidões para «*filicócos*», Manique enviava-os até Copenhague, (Universidade em que se inaugurara a especialização da obstetrícia, conforme transmitiu o ministro Alexandre de Sousa Holstein), Edimburgo, Londres, além de se aperfeiçoarem na ciência médica. Outros destinavam-se a Coimbra, em cujo âmbito estudantil o Intendente sustentava um centro de ciências naturais e um abrigo de religiosos. O desenho, matéria essencialíssima, cultivou-se com afan, dentro da vasta colmeia do Castelo. Desenvolvendo-se o gosto, constituiu-se uma — *academia do sul*, ou seja o

DE. FRAN PAXECO
Presidente do Senado de Estudos de Alunos Concretos

realizou-o nestes termos, generosos, imparcialíssimos termos: — «Assim como o velho intendente de polícia é, sob o reiaido efectivo da rainha (Maria I), o vulgo principal na galeria dos homens públicos, assim também a Casa Pia de Lisboa é, porventura, a mais acoijada e singular instituição de quantas assinalaram, em Portugal, o decurso do quartel do século XVIII. — (*História política e militar de Portugal, desde os fins do século XVIII até 1816*, primeiro volume, pg. 332). Prevalecendo-se das pesquisas de Latino, e adicionando-lhe notas modernizadoras, o professor Alfredo Augusto César da Silva elaborou uma *Breve História da Casa Pia de Lisboa* (1896), prefaciada por Teófilo Braga, o Mestre incomparável. — Cinlmo-nos, agora, a reviver os traços genéricos da grande obra desse colégio impar.

Excerto do discurso proferido por Fran Paxeco, a 6 de julho de 1936, na sala nobre da Associação Comercial de Lisboa, pelo 156.º aniversário da Casa Pia, onde fez os seus estudos secundários.

Revista Portuguesa de Seguros, nº49, Novembro de 1936.

1952

Falecimento. Homenagens postumas



Em 1939, vítima de um acidente vascular cerebral, perdeu a capacidade motora, ficando sem fala e sem possibilidade de escrever. Formalmente aposentado em 1944, viveu lúcido mas muito limitado até 1952. Faleceu em Lisboa, na Rua do Prior, à Lapa.

Notícias de diversos jornais (*O Globo*, *Diário de s. Luís* e *O Imparcial*), informando da homenagem da Academia Maranhense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, a Manuel Fran Paxeco, pelo seu 75º aniversário, a realizar-se no dia 9 de março de 1949. Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil

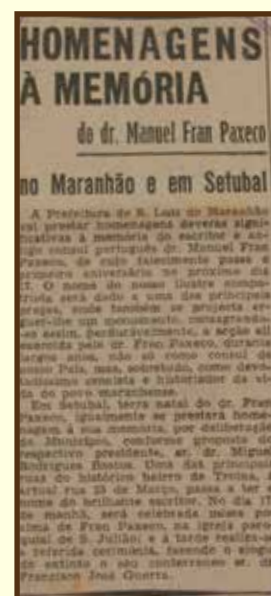


Anúncio do falecimento de Manuel Fran Paxeco.
Diário de Notícias, 18/09/1952.
Doação Maria Rosa Pacheco Machado
Museu de Setúbal/Convento de Jesus



Anúncio do falecimento de Manuel Fran Paxeco. *Diário do Povo*, Rio de Janeiro, 28/09/1952.
Doação Maria Rosa Pacheco Machado
Museu de Setúbal/Convento de Jesus

Notícia relativa às homenagens da prefeitura de São Luís do Maranhão (Brasil) e da Câmara Municipal de Setúbal (Portugal) à memória de Manuel Fran Paxeco, no assinalar do primeiro aniversário da sua morte. *Diário de Notícias*, 05/09/1953.
Doação Maria Rosa Pacheco Machado
Museu de Setúbal/Convento de Jesus





Notícia da homenagem de Setúbal, no primeiro aniversário do falecimento de Manuel Fran Paxeco, com a celebração de uma missa, uma sessão de elogio na Praça Machado dos Santos, a cerimónia de atribuição do nome de Manuel Fran Paxeco à antiga Rua Direita do Troino e uma conferência no salão nobre dos Paços do Concelho. *Diário de Notícias*, 18/09/1953. Doação Maria Rosa Pacheco Machado Museu de Setúbal/Convento de Jesus



Fotografia de Família - 1917. Manuel Fran Paxeco com a esposa e a filha Elza Fernandes Paxeco (posteriormente Elza F. Paxeco Machado, professora, filóloga e escritora - a primeira mulher doutorada pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1938). Digitalizado do original de Maria Rosa Pacheco Machado



FONTES ICONOGÁFICAS

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

- Listagem do Pessoal admitido na Academia de Ciências de Portugal, entre 31 de outubro de 1915 e 15 de novembro de 1916, in Trabalhos da Academia de Ciências de Portugal, Primeira Série, Tomo V, Coimbra, 1917. Fran Paxeco, correspondente nacional da Academia, é identificado como economista e literato.

BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE SEGUROS DE PORTUGAL

- Excerto do discurso proferido por Fran Paxeco, a 6 de julho de 1936, na sala nobre da Associação Comercial de Lisboa, pelo 156º aniversário da Casa Pia, onde fez os seus estudos secundários. Revista Portuguesa de Seguros, nº49, novembro de 1936.
 - Fotografia de Manuel Fran Paxeco tirada no Pará, a 9 de março de 1897, quando completou 23 anos. Digitalizado do original de Maria Rosa Pacheco Machado
 - Sacadura Cabral na chegada a São Luís do Maranhão, em 1922, ainda a bordo do navio “República” (da Marinha de Guerra Portuguesa) com o Cônsul de Portugal (Manuel Fran Paxeco) à sua direita. Digitalizado do original de Maria Rosa Pacheco Machado
 - Sacadura Cabral no banquete em São Luís do Maranhão. Digitalizado do original de Maria Rosa Pacheco Machado
 - Casa de Cardiff onde residiu a família de Fran Paxeco, quando aí esteve destacado como Cônsul de Portugal. Digitalizado do original de Maria Rosa Pacheco Machado
 - Flyer de divulgação de uma conferência proferida (em 1933?), por Manuel Fran Paxeco, no Cine-Teatro Luiza Todi, sobre o tema “Setúbal e a Província do Sado” (tema do livro inédito que se extraviou). Digitalização cedida por Maria Rosa Pacheco Machado
 - Casa de Liverpool onde residiu a família de Fran Paxeco, quando aí esteve destacado como Cônsul de Portugal. Digitalizado do original de Maria Rosa Pacheco Machado
 - Fotografia de Manuel Fran Paxeco tirada em Liverpool, entre 1934 e 1935, pelo cônsul-adjunto Augusto Potier. Digitalizado do original de Maria Rosa Pacheco Machado
 - Fotografia de Fran Paxeco no consulado de Portugal em Liverpool – 1935. Digitalizado do original de Maria Rosa Pacheco Machado
 - Fotografia de Família - 1917. Manuel Fran Paxeco com a esposa e a filha Elza Fernandes Paxeco (posteriormente Elza F. Paxeco Machado, professora, filóloga e escritora - a primeira mulher doutorada pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1938). Digitalizado do original de Maria Rosa Pacheco Machado
 - Pormenores da Biblioteca e do Salão Nobre do Grémio Literário e Recreativo Português. Fundado, em 1867, com o nome de O Grémio Literário Português, posteriormente alterado, em 1906, para Grémio Literário e Comercial Português e, finalmente, em 1973, para a atual denominação. Belém do Pará
- Joaquim Vieira de Luz, Fran Paxeco e as Figuras Maranhenses, Livros de Portugal, S.A., Edição Dois Mundos, Rio de Janeiro, 1957. Biblioteca Pública Municipal de Setúbal, cota FLD V-125.

- Fran Paxeco aos 7 anos de idade.
- Sede da Academia Maranhense de Letras (a partir de 1908).
- Redação da Pacotilha.
- Sede original da Faculdade de Direito do Maranhão, cofundada por Fran Paxeco.
- Fran Paxeco junto à glorieta de Luísa Todi, em Setúbal, no dia da sua inauguração (1 de outubro de 1933).
- Casa onde terá nascido Fran Paxeco, no antigo Terreiro de S. Caetano em Setúbal.
Digitalizado do original da LASA (Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão)
- Pedido de admissão de Manuel Francisco Pacheco, como aluno interno na Casa Pia de Lisboa, a 23 de agosto de 1883. Fran Paxeco, contudo, só daria entrada na instituição em 1884.
Casa Pia de Lisboa, Centro Cultural Casapiano
- Registo do Exame de Instrução de Manuel Francisco Pacheco, para admissão na Casa Pia de Lisboa, em junho de 1884.
Casa Pia de Lisboa, Centro Cultural Casapiano
- Pedido e autorização, de Manuel Francisco Pacheco, para a baixa na matrícula geral da Casa Pia de Lisboa, a 13 de outubro de 1888.
Casa Pia de Lisboa, Centro Cultural Casapiano
- Pedido para o subsídio de baixa na Casa Pia de Lisboa, no seguimento do pedido de baixa da matrícula geral, a 13 de outubro de 1888.
Casa Pia de Lisboa, Centro Cultural Casapiano
- Fotografia de Manuel Fran Paxeco vestido com a farda de cônsul.
Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil
- “Diploma de Mérito dedicado aos Propugnadores da Educação Physica” concedido a Fran Paxeco, Maranhão, 18 de maio de 1904.
Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil
- Manuel Fran Paxeco em fotografia de conjunto com as crianças do Instituto de Assistência à Infância, São Luís do Maranhão, 1919.
Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil
- Carta Patente, do Governo Provisório da República Portuguesa, de 24 de agosto de 1911, nomeando Manuel Fran Paxeco cônsul de Portugal no Maranhão (Brasil).
Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil
- Diploma de membro da Associação Pedagógica Almir Nina, a Manuel Fran Paxeco, S. Luís do Maranhão, 24 de julho de 1912.
Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil
- Recibo, de 3 de outubro de 1913, do pagamento de emolumentos por Fran Paxeco, respeitantes ao contrato para professor de Geografia e Corografia no Liceu Maranhense.
Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil

- Recibo, de 5 de maio de 1914, do pagamento de emolumentos por Fran Paxeco, respeitantes ao contrato para professor de francês no Liceu Maranhense.

Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil

- Carta Patente, de 12 de setembro de 1914, nomeando Manuel Fran Paxeco cônsul de Portugal no Maranhão, com jurisdição nos Estados do Maranhão, Piauí e Ceará (Brasil).

Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil

- Confirmação do Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, de 09 de dezembro de 1914, da nomeação de cônsul no Maranhão, com jurisdição nos Estados do Maranhão, Piauí e Ceará (Brasil).

Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil

- Fotografia dos convivas do almoço com o Governador do Maranhão, Herculano Nina (1914-1917), incluindo Manuel Fran Paxeco.

Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil

- Diploma de professor honorário da “Faculdade de Direito do Estado do Maranhão” a Manuel Fran Paxeco, S. Luís do Maranhão (Brasil), 7 de julho de 1928.

Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil

- Notícias de diversos jornais (O Globo, Diário de S. Luís e O Imparcial), informando da homenagem da Academia Maranhense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, a Manuel Fran Paxeco, pelo seu 75º aniversário, a realizar-se no dia 9 de março de 1949.

Academia Maranhense de Letras de S. Luís do Maranhão, Brasil

- Manuel Fran Paxeco em fotografia de conjunto da Junta Federativa das Associações Portuguesas do Pará, em 1920.

Grémio Literário e Recreativo Português de Belém do Pará, Brasil

- Participação de Manuel Fran Paxeco em almoço oferecido por Antônio Emiliano de Sousa Castro, governador do Pará entre 1921 e 1925.

Grémio Literário e Recreativo Português de Belém do Pará, Brasil

- Manuel Fran Paxeco em fotografia de conjunto do corpo consular, cumprimentando Dionísio Bentes, no dia de sua posse enquanto presidente do Estado do Pará (em 1925).

Grémio Literário e Recreativo Português de Belém do Pará, Brasil

- Diplomados da escrituração mercantil, de 1925, do Grémio Literário e Comercial Português, de Belém do Pará. A fotografia de Manuel Fran Paxeco aparece enquanto homenageado.

Grémio Literário e Recreativo Português de Belém do Pará, Brasil

- Fotografia de conjunto de Manuel Fran Paxeco com a direção do Centro Recreativo Português do Pará, em 1925. Dedicatória da direção ao cônsul português.

Grémio Literário e Recreativo Português de Belém do Pará, Brasil

- Manuel Fran Paxeco em fotografia de conjunto dos professores do Grémio Literário e Comercial Português, de Belém do Pará, em 1926.

Grémio Literário e Recreativo Português de Belém do Pará, Brasil

- Fotografia de Manuel Fran Paxeco com os seus auxiliares, em 1928.

Grémio Literário e Recreativo Português de Belém do Pará, Brasil

- Carta dos alunos do Grémio Literário e Comercial Português, de Belém do Pará, a Manuel Fran Paxeco, a 9 de março de 1928. Assinaturas no final da carta.

Grémio Literário e Recreativo Português de Belém do Pará, Brasil

- Jantar em homenagem a Manuel Fran Paxeco em Belém do Pará, em 01 de julho de 1928.

Grémio Literário e Recreativo Português de Belém do Pará, Brasil

- Artigo da Vanguarda, 07/01/1895

Biblioteca digital nacional

- Artigo da Vanguarda, 10/01/1895

Biblioteca digital nacional

- Artigo da Vanguarda, 12/01/1895

Biblioteca digital nacional

- Artigo da Vanguarda, 15/01/1895

Biblioteca digital nacional

- Artigo da Vanguarda, 20/01/1895

Biblioteca digital nacional

- Notícia relativa à ilibação e ao habeas-corpus concedido, a 8 de junho desse ano, a Manuel Fran Paxeco, pelo Supremo Tribunal Federal do Brasil, no seguimento do recurso a uma acusação e perseguição de que fora alvo.

- A Vanguarda, Lisboa, 06/07/1907. Biblioteca digital nacional

- “Proclamação da República no Campo da Acclamação no dia 15 de novembro de 1889” in Urias Antonio da Silveira, Galeria histórica da revolução brasileira de 15 de novembro de 1889 que ocasionou a fundação da República dos Estados-Unidos do Brazil, 1890. Biblioteca Nacional do Brasil, Divisão de Iconografia.

<http://international.loc.gov/intldl/brhtml/br-1/br-1-6.html>

- Largo de São Francisco, no Rio de Janeiro, em 1895.

Fotografia de Marc Ferrez (1843 - 1923).

<http://veja.abril.com.br/multimedia/galeria-fotos/marc-ferrez>

- A cidade de Belém do Pará na 1ª década do séc. XX.

<http://memoria715.blogspot.pt/2011/10/belem-do-para.htm>

- Mapa do Brasil com localização do Estado do Acre.

<http://mapasdomundo.tk/mapa-do-brasil-especial-mapas-do-mundo-2/mapa-brasil-mapas-10/>

- Praça de João Lisboa, em São Luís do Maranhão.

Postal editado cerca 1910.

http://kamaleao.com/fotos/fotos.php?album=Imagens_Antigas_de_Sao_Luis_Maranhao

- Hino da cidade Cruzeiro do Sul com letra de Fran Paxeco.

<http://www.czs.com.br/apresentacao/hino-de-cruzeiro-do-sul/>

FICHA TÉCNICA

ORGANIZAÇÃO

Câmara Municipal de Setúbal

Presidente | André Martins

DEPARTAMENTO DE CULTURA, DESPORTO, DIREITOS SOCIAIS, SAÚDE E JUVENTUDE

Vereador | Pedro Pina

Diretor | Luís Liberato Baptista

GABINETE DE PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO E CULTURAL

Chefe da Equipa Multidisciplinar – José Luís Catalão

SELEÇÃO E ELABORAÇÃO DE CONTEÚDOS

Francisca Ribeiro – Serviço Municipal de Museus

RECOLHA DE DOCUMENTAÇÃO

Ana Catarina Stoyanoff – Serviço Municipal de Museus

PROMOÇÃO E DESIGN GRÁFICO DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO E IMAGEM SETORES DE PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO E PRODUÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Elisa Pedradas | José Miguel Farropas

MONTAGEM

António Cunha Bento

Diogo Ferreira

Iris Catralo

Jorge Aleixo

José Luís Catalão

AGRADECIMENTOS

António Cunha Bento

Maria Rosa Pacheco Machado

Avenida Luísa Todi, 5 – Setúbal

Terça a sábado, das 11h00 às 13h00 e das 14h00 às 18h00
Encerra aos domingos, segundas-feiras e feriados

